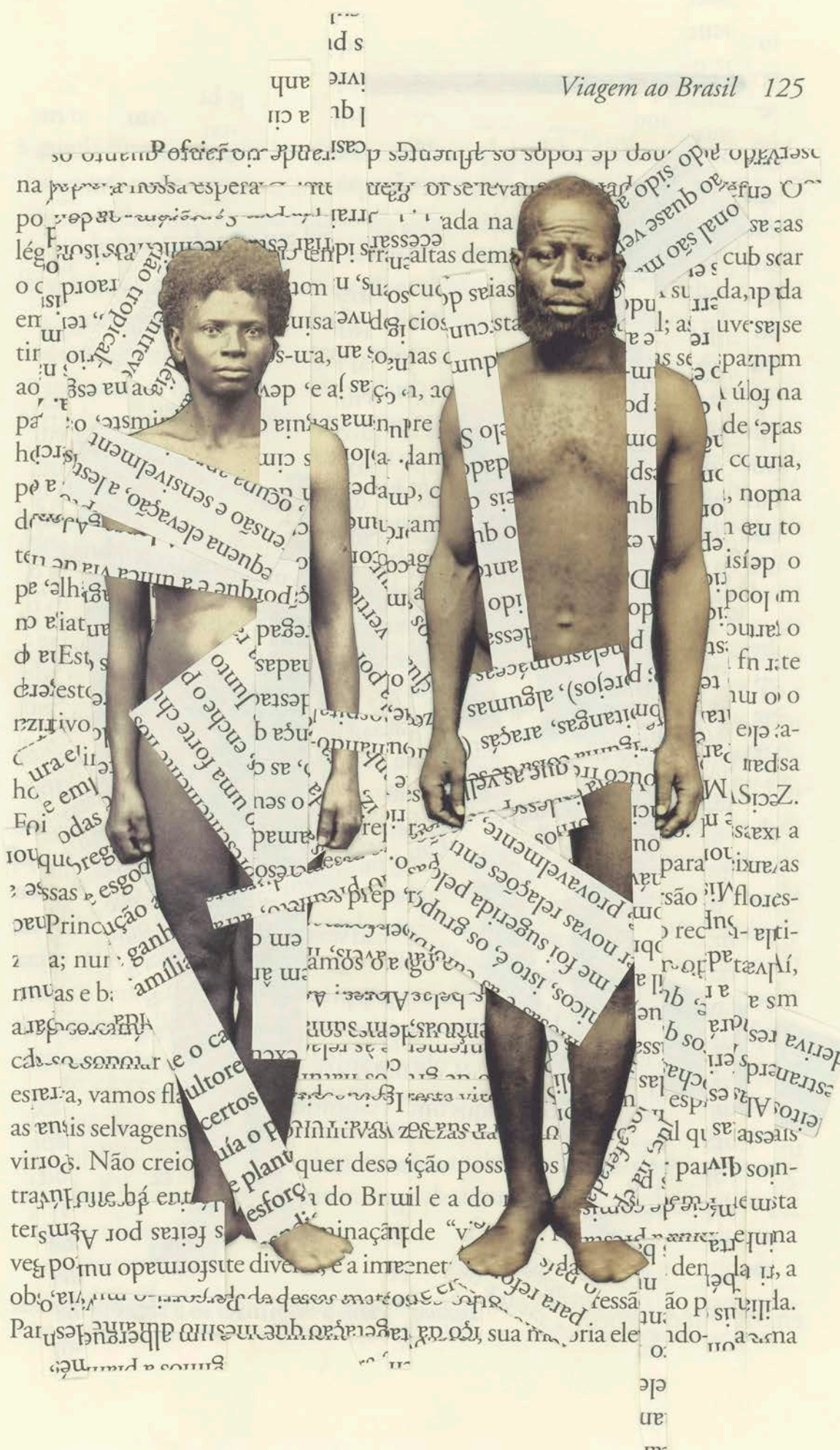


MULHERESLUZ

OUTUBRO 2024
EDIÇÃO MEMÓRIA



ACERVO

Nair Benedicto:
A memória é o maior patrimônio de um povo, portanto, só pode ser coletiva. Os arquivos precisam ser acessados de forma ampla, pública e democrática **P. 6**

ARTIGO

Simonetta Persichetti:
O que dizem as imagens? E por que não aprender a ouvir o silêncio das fotografias? **P. 7**

EXPOSIÇÃO

Memórias contadas, à deriva e sonhadas: 30 fotografias editadas via convocatória foto única **P. 9**

ENSAIOS

Imagens proporcionam recomeços: 10 projetos destacados na convocatória, interligados pelo desejo de contar histórias **P. 43**

FOTOLIROS

O fotolivro como linguagem: 20 publicações selecionadas pela convocatória **P. 58**

Nós: a desordem da Carne
Fotocolagem
Marina Feldhues

P. 13



MÔNICA MAIA

Idealizadora do projeto Mulheres Luz

editorial

Festival Mulheres Luz, um manifesto de afeto

O evento marca o lançamento da Revista Mulheres Luz

A Plataforma Mulheres Luz nasceu com o objetivo de visibilizar, democratizar e difundir os conteúdos produzidos por mulheres da imagem no Brasil. É também um lugar para fomentar a produção da fotografia jornalística, documental, artística e experimental, as pesquisas e curadorias, que contribuam com a construção de narrativas diversas e contemporâneas, de projetos que tenham como propósito ampliar e fortalecer nossos espaços.

O projeto atua como um banco de dados, dispondo de uma ferramenta que permite ao mercado localizar fotógrafas, artistas visuais, editoras, curadoras, professoras, jornalistas, pesquisadoras, diretoras, produtoras, assistentes, tratadoras de imagem, designers, entre outras atividades do fazer e pensar fotografia. A busca pode ser feita por região, estado, cidade e área de atuação, ampliando assim as possibilidades de serem encontradas para trabalhos profissionais, prestação de serviços e projetos. O sistema está em constante atualização.

Historicamente, as mulheres fotógrafas não eram “vistas”, mesmo tendo participação ativa no mercado fotográfico desde o século XIX. Este movimento é um lugar que abriga conexões e cooperações, a fim de estimular e fortalecer as histórias produzidas por mulheres.

Durante pesquisas em livros de fotografias e coletâneas, a fim de conhecer fotógrafas de várias gerações, me deparei com uma publicação que aborda a fotografia na construção da imagem sobre o país, no período de 100 anos (1833 - 2003), com 163 biografias, entre elas, apenas 10 mulheres, ou seja, 6%. Muitas fotógrafas atuaram neste período. Isto me impactou e acelerou o desenvolvimento do projeto. É urgente preencher lacunas de tempo e espaço, interligando-as em uma nova linha do tempo, e não permitir apagamentos. Pesquisas e publicações têm contribuído para este resgate, as visibilidades seletivas e as repetições também contribuíram na invisibilidade de atuações.

Os direitos iguais de espaço e visibilidade entre homens e mulheres é uma busca incessante, ainda longe



Meninas e meninos no parque, Campos do Jordão, SP, 1973

de ser superada, por isso a importância de projetos que proporcionem tal debate com atenção especial à representatividade das mulheres em estruturas de preconceito. Mulheres Luz enfatiza histórias, vozes e corpos, conectando temas, tempos e territórios.

“Memória” foi a temática do 2º Festival de Fotografia Mulheres Luz, como vemos nesta publicação, propondo uma reflexão sobre o que nos foi contado, além de perspectivas que buscam construir imagens que promovam direitos, igualdade, liberdade e felicidade.

O Festival contou com atividades presenciais, todas gratuitas. Entre elas, destaco as três convocatórias, abertas para fotógrafas e artistas visuais de todo país, e o lançamento desta publicação. Foram dias de oficinas, rodas de conversas, apresentação de projetos, projeções, feira de fotografia, agenda de autógrafos, exposição, mostra de fotolivros, muitas trocas e aprendizados.

Trabalhos apresentados trouxeram imagens associadas à vida cotidiana, arquivos pessoais, espaços de vivências, vestígios, histórias documentais, pessoais e



Foto Stefania Bril | Acervo Instituto Moreira Salles | Arquivo Stefania Bril **Leia sobre Stefania na página 61**

ficcionais, experiências imagéticas, pesquisas, documentações, entre outras fotografias que ganharam significados nas relações de tempo e sentimento. As oficinas também tiveram a foto como objeto de interferência por bordados, colagens e construção de narrativas, sem contar a magia de ver uma imagem aparecer de uma lata de marmitta, câmera pinhole usada pelas crianças.

O evento foi idealizado e produzido por mulheres, reforçando a representatividade em toda a cadeia produtiva da fotografia e no fazer cultural. A participação do público foi aberta a todos os gêneros.

Mulheres Luz atua em eventos, exposições, acompanhamentos de projetos e produções culturais, como a revista lançada durante o 2º Festival de Fotografia, em outubro de 2024.

Os Festivais são espaços de convivência, troca e aprendizado, eventos de extrema importância para a formação e construção de identidades culturais.

Mulheres Luz é um manifesto de afeto, um movimento em rede.

MÔNICA MAIA

É editora e curadora de fotografia e produtora cultural. Idealizadora do projeto Mulheres Luz, lançado em 2021. Sócia da DOC Galeria [2012-2022] e produtora da Mostra SP de Fotografia [2011-2022]. Foi fotógrafa e editora da Agência Estado, O Estado de S.Paulo e Jornal da Tarde [1987-2007] e colaboradora da Folha de S.Paulo, desde 2008. Em 1999, foi a 1ª brasileira a ser jurada do World Press Photo, desde então é membro do Joop Swart Masterclass, e em 2024 retornou à instituição como jurada da América do Sul. Foi jurada dos prêmios Chico Albuquerque [2018], Fundação Conrado Wessel [2023-2024], entre outros. Integrou o grupo de curadoria no Programa Nova Fotografia do MIS-SP [2019-2024]. Atua nas áreas de pesquisa de imagens, leituras de portfólios e acompanhamento de projetos. Fez curadoria de diversas exposições e eventos, como o Encontro de Coletivos Fotográficos - ECO e os festivais Foto em Pauta, Everyday Brasil e Imagens Periféricas. É presidenta da Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil - RPCFB e integra o Conselho Nacional de Política Cultural - CNPC.

PROJETO GRÁFICO DA PUBLICAÇÃO

AS TIPOGRAFIAS FORAM FEITAS POR MULHERES

A fonte Laca Text (deste texto aqui), desenhada por Joana Correia, é um tipo sem serifa com altura das letras minúsculas generosas e contra-formas amplas, ideal para textos, por ser muito legível.

A fonte **KARBID DISPLAY**, desenhada por Verena Gerlach, tem alta expressividade, sendo indicada para título, seu estilo reflete a atmosfera atual e as tendências tipográficas contemporâneas.



#DesafioMulheresLuz

Qual a fotografia mais antiga em seu arquivo de família em que uma mulher segura uma câmera fotográfica?

O Festival de Fotografia Mulheres Luz lançou um convite para visitarem álbuns de famílias, caixas de sapato e acervos pessoais. A pergunta foi: Qual a fotografia mais antiga em seu arquivo de família em que uma mulher segura uma câmera fotográfica?

Talvez você não encontre essa imagem. Sabemos que, historicamente, as mulheres das várias gerações eram “vistas” e representadas, muitas vezes, pelas figuras masculinas da família, que é quem normalmente tinha a câmera. Neste caso, você pode participar do desafio com imagens de profissionais que sejam referências nas áreas da fotografia, artes visuais e cinema.

Queremos conhecer fotografias da época analógica e sua relação com esta imagem, sejam conhecidas ou desconhecidas.

O desafio continua, participe!



RENATA SAAD
“Nesta foto está minha mãe, filmando meu pai na viagem de lua de mel deles, em Novembro de 1960, pela Argentina. Além disso, eu nasci no dia 19 de agosto, dia internacional da fotografia. Viva a Fotografia!”
Acervo Renata Saad

← **LUCIANA CATTANI**

“Na foto está minha mãe fazendo um autorretrato com sua melhor amiga do colégio interno. Elas estudaram juntas na Suíça, minha mãe italiana e ela turca. Esse foi o primeiro reencontro delas depois de formadas, quando minha mãe foi visitá-la na Turquia, em 1948. Minha mãe sempre gostou de fotografar em viagens, mas não me lembro de nenhum registro dela fotografando, e ao encontrar essa foto linda, me emocionei muito!” Acervo Luciana Cattani

→ **CAROLINA KOFF**

“Autorretrato encontrado no acervo de Belkiss Rabello que, infelizmente, não está mais aqui, mas nos deixou seu olhar único e atento aos silêncios.” Acervo Carolina Koff

↓ **MIRIAN GUIMARÃES**

“Essa foto faz parte de um álbum de família. Na imagem, aparecem, do lado esquerdo, meu pai, minha mãe segurando a máquina de filmar, minha avó paterna no meio, minha tia e meu tio, irmão de meu pai, que também segura uma câmera fotográfica. Quem tirou a foto foi meu avô, que também gostava de fotografar. O ato de capturar imagens sempre esteve presente na minha vida. Herdei os álbuns que, de vez em quando, folheio, e sempre me surpreendo com algum detalhe novo que percebo.” Acervo Mirian Guimarães



📍 **COMO PARTICIPAR?**
Compartilhe a imagem no feed do Instagram com a hashtag [#DesafioMulheresLuz](https://www.instagram.com/DesafioMulheresLuz) ou envie a fotografia com informação, um breve texto legenda contextualizando a imagem, onde ela foi localizada, autoria e/ ou autoria desconhecida para mulheresluz.festival@gmail.com



“

A memória é o maior patrimônio de um povo, portanto, só pode ser coletiva. Essa sempre foi uma preocupação presente no meu trabalho. Pesquisei com cuidado as opções para a destinação do meu acervo fotográfico, resultado de mais de cinco décadas de trabalho

Nair Benedicto



Da esquerda para direita: Sônia Fardin, Humberto Innarelli, Nair Benedicto, Mário Medeiros, Bárbara Castro, Marina Rebelo, Maria Dutra e Miguel Breyton | Foto Marli Marcondes

ACERVO MEMÓRIA COMPARTILHADA



NAIR BENEDICTO

Nasceu em 1940 (São Paulo, SP). Formou-se pela ECA-USP, em 1972, mesmo ano em que iniciou sua carreira como fotógrafa. Antes disso, foi presa pela ditadura civil-militar em decorrência de sua militância política junto à Ação Libertadora Nacional. Após sair da prisão, assumiu uma produção fotográfica engajada com a questão da justiça social. Em sua obra, registra o cotidiano das classes minoritárias, a condição da mulher e da criança. No início dos anos 1980 fundou, ao lado de outros fotógrafos, a Agência F4, precursora na área da fotodocumentação no Brasil.

“A memória é o maior patrimônio de um povo, portanto, só pode ser coletiva. Essa sempre foi uma preocupação presente no meu trabalho. Pesquisei com cuidado as opções para a destinação do meu acervo fotográfico, resultado de mais de cinco décadas de trabalho.

Conversando com muitos amigos e parceiros, e com a ajuda dos historiadores Sônia Fardin e Miguel Breyton, que estiveram comigo mais de perto nesta tarefa, a qual também se somaram Mari Stockler e Gae Breyton, após vários estudos, decidi por uma universidade pública, a Unicamp.

Em abril de 2023, a convite da direção do AEL - Arquivo Edgard Leuenroth, visitei suas dependências. Fui muito bem recebida pela equipe de trabalhadores e diretores, que me fizeram conhecer toda a infraestrutura dedicada à preservação de documentos das lutas sociais. Constatei que se trata de um sólido projeto de memória, com investimentos e compromisso com o amplo acesso à pesquisa. Iniciamos, então, uma conversa sobre os termos do contrato, em princípio de custódia e com proposição de doação do meu acervo, mediante a realização de

etapas de catalogação e digitalização. Foi um processo de aprendizado para ambos os lados, e a transferência da primeira parte do acervo foi realizada em 13 de junho de 2024. Eu e o grupo que me acompanha, ficamos satisfeitos com os termos do contrato realizado, avaliamos que estamos contribuindo para construir formas mais fortalecedoras de proteção e preservação dos acervos que se dedicam aos temas delicados de nossa história. Principalmente, acreditamos na importância da universidade pública, que fará com que esse material seja acessado de forma respeitosa, ampla, pública e democrática. Agradecemos aos diretores do AEL - Mário Medeiros, Bárbara Castro e Humberto Innarelli - assim como a toda equipe do AEL pela disposição em dialogar e construir essa relação.

Tenho muitos projetos e continuo produzindo e realizando ações com vários parceiros, agora com o apoio e participação do AEL. Nesta semana que o AEL celebra seus 50 anos, gostaria que essa comunicação viesse a público como forma de externar minha alegria em ser parte dessa história.”

26 de agosto de 2024

artigo

O que dizem as imagens?



Uma civilização democrática só se salvará se fizer da linguagem da imagem uma provocação à reflexão e não um convite à hipnose

Umberto Eco

Em que momento começamos a pensar nas imagens como forma de conhecimento, como linguagens aliadas das mais variadas culturas e, muitas vezes, protagonistas de um discurso de uma ideia?

Em que momento “perdemos o fio da meada” e acabamos sufocados por inúmeras imagens que possuem pouca densidade?

Por que parece que, de repente, todos falam sobre narrativas visuais e acreditam entender o que nos dizem as imagens?

São perguntas que, a princípio, parecem retóricas, que são a base da maioria dos textos que tratam deste assunto na contemporaneidade.

A crítica de arte norte-americana Camille Paglia, em seu livro “Imagens Cintilantes”, afirma: ‘a vida moderna é um mar de imagens. Nossos olhos são inundados por figuras reluzentes e blocos de textos explodindo sobre nós por todos os lados’.

Em uma sociedade em que você tem valor a partir do momento em que se torna visível, a rápida disseminação de uma imagem via redes sociais permite uma imediatez na integração ao mundo do consumo, do lazer e da “pseudo” saída do anonimato. Se cada período tem um olho e uma representação, sem dúvida, a do século XXI é a da visibilidade.

A partir do momento em que a imagem se torna uma das principais formas de conhecimento e de transmissão desse mesmo conhecimento, deixamos de viver diretamente nossas experiências e passamos a vivenciá-las por meio das representações: “Tudo que era vivido diretamente, tornou-se uma representação”, já disse nos anos 1960 o pensador francês Guy Debord.

Outra questão que surge é sobre o que estamos vendo, se é que vemos: o que nos é apresentado em forma de exposições, fotolivros, festivais da imagem? A estética contemporânea tem nos apresentado olhares mais intimistas, que falam das pequenas coisas e que, se forem elaborados de forma criativa, acabam tocando grandes problemas. Sonhos, utopias, rupturas geográficas. Mes-



SIMONETTA PERSICHETTI

Possui graduação em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (1979), mestrado em Comunicação e Artes pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1995) e doutorado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001), é Pós-Doutora pela Escola de Comunicação e Artes, USP (2017). Foi professora de Fotojornalismo no programa de graduação (2009-2021) e pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero na linha de pesquisa Jornalismo, Imagem e Entretenimento (2011-2021). Publicou os livros “Imagens da Fotografia Brasileira I” (1997) e “Imagens da Fotografia Brasileira II” (2000). Foi autora de entrevistas e textos para o livro “Encontros com a Fotografia” (2009). Organizou a coleção Senac de Fotografia, como editora de texto e imagem (2003-2009). Ministra palestras e cursos sobre fotografia pelo Brasil. É colunista e membro do Conselho Editorial da revista ArteBrasileiros e crítica de fotografia do jornal Estado de S. Paulo. De 2009 a 2015, atuou como curadora de fotografia da Galeria Arte Plural, em Recife. Ganhadora do Prêmio Jabuti de Reportagem 1999. Obteve o primeiro lugar na categoria de jornalista 2008/2009 do Melhor da Fotografia Clix.

Foto Yago Moreira

clas de ensaios em preto e branco, coloridos, realidades ficcionais. Micro-histórias. Encontramos trabalhos que surpreendem nosso olhar e nos transformam por sua delicadeza e pesquisa.

No mundo estetizado no qual vivemos, a representação passa pela rapidez de um fato ou de uma situação. A fotografia de hoje não se pretende mais heroica, mas uma imagem que brinca com a banalidade. Mesmo assim, acredito que ela tem que ser vista ainda como protagonista e não como mera ilustração.

Soterrados por imagens diárias de todas as espécies, muitas delas manchas coloridas que nos chegam por meio das redes sociais, talvez devemos descansar um pouco nossos olhos. “Em meio a tamanha e neurótica poluição visual, é essencial encontrar o foco, a base da estabilidade, da identidade, da direção da vida”, nos adverte Camille Paglia.

É necessário reaprender a olhar, enxergar, mergulhar nas imagens procurando entendê-las sem descrevê-las.

Para isso, precisamos de sossego, recuperar o tempo da contemplação, a calma necessária para “consumir” as imagens com nossos olhos, nosso cérebro, nossa percepção de mundo, nossas emoções e memórias. E por que não, aprender a ouvir o silêncio da imagem?



Mary Zilda Grassia Sereno (1909-1998) | Foto Mônica Maia (1988)

ENCONTRO HISTÓRIAS CRUZADAS IMAGENS REVELADAS

MÔNICA MAIA
curadora

Esta foto foi feita alguns minutos antes da gente entrar no ar para um programa de televisão. Na pauta, uma jovem iniciante, no caso eu, aos 20 e poucos anos, ao lado de quem é considerada a primeira fotojornalista a atuar no Brasil. Eu não tinha ideia da importância histórica desse momento.

Mary Zilda nasceu em 1909, no Rio de Janeiro. Entre Rio e São Paulo, depois de muitas negativas, trabalhou em diversos jornais e editoriais entre os anos 1940-1970. Foi a única fotógrafa escalada para cobrir a Copa do Mundo de 1950, no Maracanã, Rio de Janeiro. No dia da nossa entrevista, mostrou, orgulhosa, uma foto dela sentada, de saia, na beira

do campo de futebol.

Temos algo em comum, começamos na revelação, ela em um hospital, enfermeira de área técnica, revelava e ampliava fotografias e raios-x, e eu, negativos de importantes profissionais numa revista, na Rua Maria Antônia, no centro de São Paulo, onde tudo começou. Eu também gostava de fotografar futebol, assim como Mary Zilda. De lá para cá, foi muita história, muita luta, conquistas, momentos difíceis, divertidos e só agradecimento a todas as pessoas dessa trajetória que já dura mais de 35 anos. Amo o que faço, o que vejo e o que sinto!

Fotografias são encontros!



Em 1939, logo após um forte terremoto no Chile, Mary Zilda viaja para aquele país como profissional voluntária na área da saúde para atender vítimas. Na capital chilena dedica-se a documentar a situação local e decide atuar como fotojornalista

Helouíse Costa,
livro *Mulheres Fotógrafas/
Mulheres Fotoğrafadas*
(Editora Intermeios, 2021)



Mônica Maia no estádio do Morumbi (SP), Palmeiras x São Paulo, jogo válido pelo Campeonato Paulista
Foto Paulo Jantalia, 1989

EXPOSIÇÃO MEMÓRIAS CONTADAS, À DERIVA E SONHADAS

Fotografias próprias, apropriadas ou rejeitadas dialogam com memórias pessoais, coletivas e imaginadas. O vazio ocupa um lugar imenso. Costurar afetos preenche percursos lineares e circulares de existência, experiências e correspondências.

A vida é tecida por histórias de amores e lutas.

O resgate da ancestralidade perdida pelo caminho, a infância roubada, as lágrimas e os conflitos se contrapõem com a imagem de uma mãe anciã que acaricia os cabelos da filha enquanto ela amamenta sua neta, nutrindo gerações num gesto que conecta passado e futuro.

Olhar o horizonte do rio pela janela que flutua é dar ao tempo o seu tempo, espalhar sementes e ver florescer novas imagens, construídas por camadas entrelaçadas por vivências e sentidos, são melodias que embalam a dança, o beijo e o abraço.

É possível perceber vozes e corpos que protestam por igualdade de gênero, que buscam por lugares de oportunidades, que retratam manifestações culturais, sociais e ambientais e que revelam sentimentos de urgência.

A exposição apresenta este recorte com o desejo de estimular a criação de espelhos diversos e ambientes de acolhimento, a fim de fortalecer a produção de histórias com ponto de vista, um convite para inspirar mais

e mais mulheres a serem livres e plenas.

Memórias contadas, à deriva e sonhadas são imagens que brotam das mãos, da terra e do coração. **MÔNICA MAIA**

QUEM SE INSCREVEU

407

inscrições na convocatória da exposição do festival

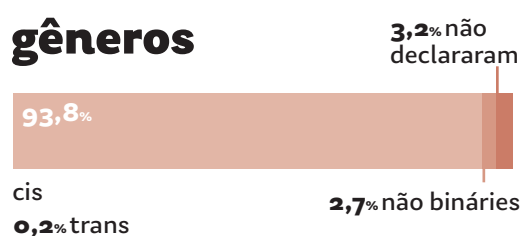
+ de 2.000 fotos

com representação de todos os Estados brasileiros e Distrito Federal, além de participações vindas da Argentina, Chile, Cuba, Estados Unidos, Inglaterra, Itália, Marrocos e Portugal

raças



gêneros



ELIÁRIA ANDRADE

Jornalista formada pela Fundação Cásper Líbero e pós graduada em Globalização e Cultura pela FESPSP. Repórter fotográfica há mais de 30 anos, com passagens pelos jornais Diário Popular, Diário de São Paulo e O Globo. Participou do projeto “As Donas da Bola” em 2014; “Se me vejo, me veem” em 2015; “Retratos no Fotojornalismo”, entre outros. Atualmente está circulando com a exposição Afeto e Memória. Uma das vencedoras do prêmio Festival Phothothings; participou da produção Executiva do FIP - Festival de Imagens Periféricas e do Bóra - Fotografia, Oficinas e Saberes.



MÔNICA ZARATTINI

Doutora em Artes e bacharel em História (USP). Mestre em Comunicações (ECA-USP). Foi editora de fotografia e fotojornalista do O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde. Foi uma das curadoras do Festival de Imagens Periféricas. Fez parte dos conferencistas do MASTERCLASS - Festival Internacional de Fotografia de Bogotá. Prêmios: Troféu Mulher Imprensa; Embratel de Fotografia; Vladimir Herzog, entre outros. Autora do fotolivro PLANO, SECO E PONTIAGUDO. Autora dos retratos da exposição VIVA LA DIFERENCIA! do Museu da Ciência de Barcelona e das fotos da exposição PAULICÉIA, MIS-SP.

Continua
na P. 10



CAROLINA KRIEGER
Sem título, 2021-24

Debruçada na percepção circular da existência, a artista traça neste ensaio um lugar onde chama sua mãe para dançar.



DANIELA LUCHETA
Sem título, 2020

Entre fotografias e desenhos, a artista se sente grata ao sentir a arte brotando em suas mãos, a arte que a salva a todo momento.

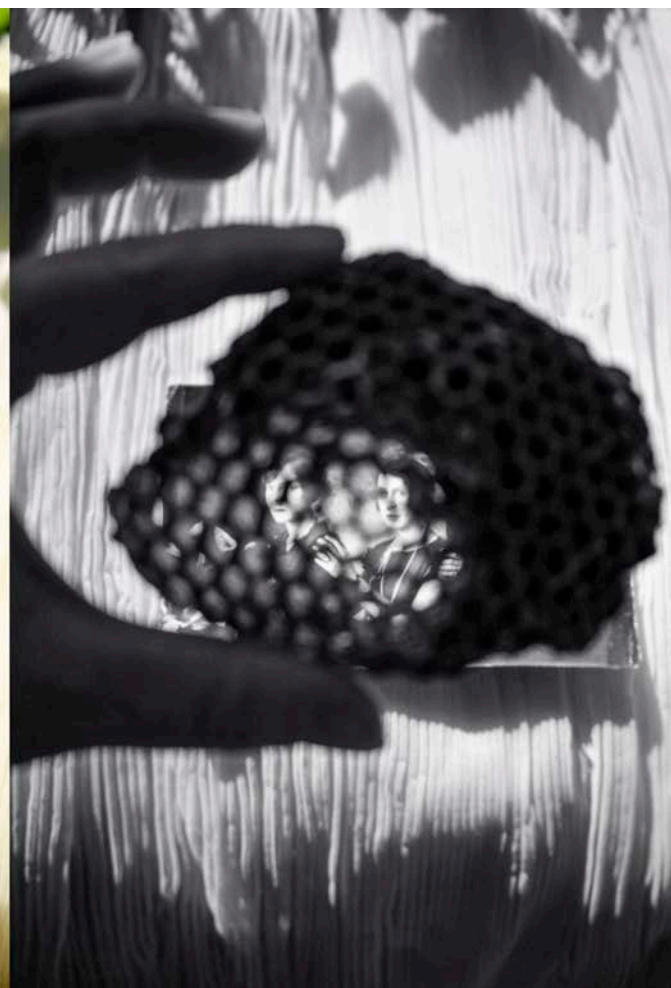
GIULIANNE MARTINS
Sem título, 2022

Enquanto andava rápido o tempo parou nessa cena que a artista vivenciou na aldeia Manoel Alves, TO, do povo Krahô: mãe e filha doando colo e amor de duas formas diferentes.



ANA SABIÁ
Correspondências,
2020-21

“Quais são as coisas do mundo que me olham?”, da série “Correspondências”.
Fotografia digital e apropriação de ilustração de publicação antiga.



NATALIA NOGUEIRA
Será que eu era tão
bonita assim, 2024

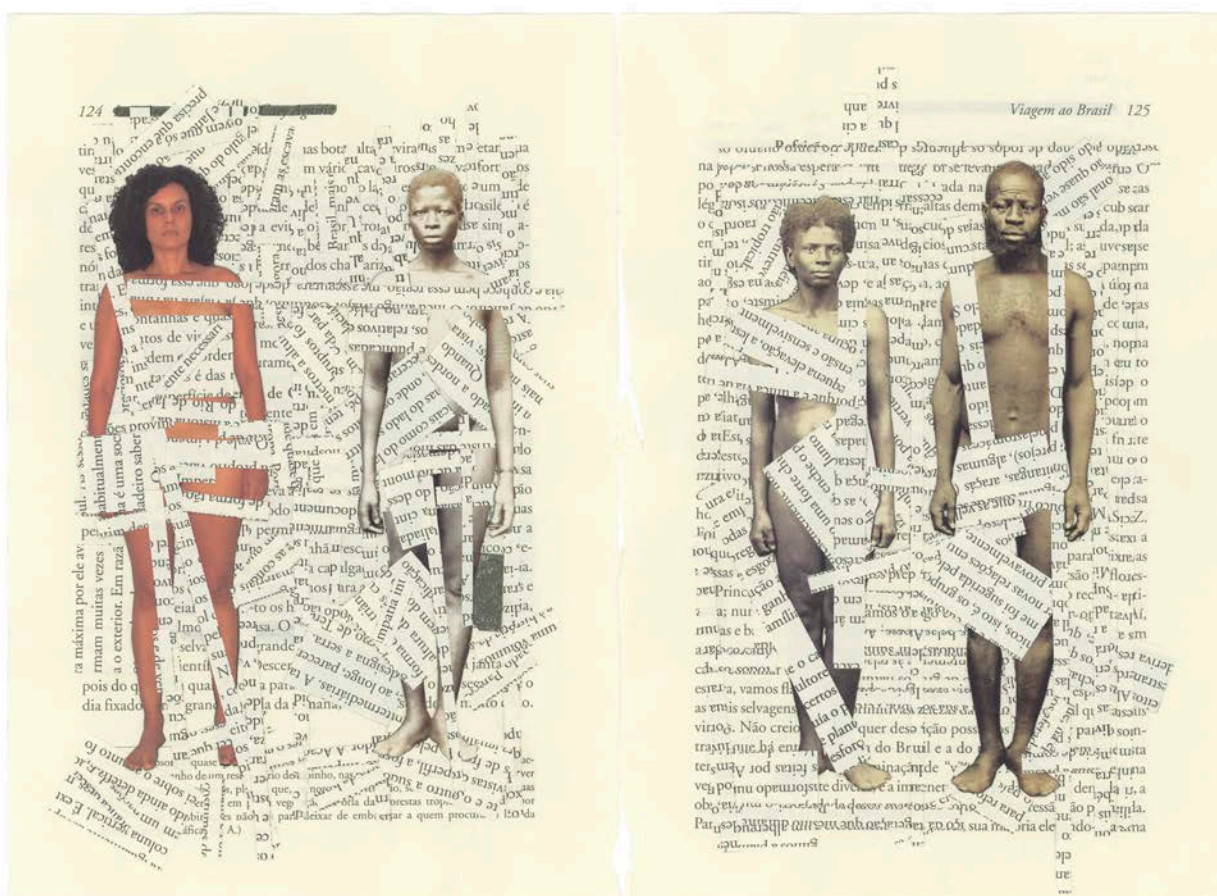
A fotografia desempenha um papel crucial na cultura humana, funcionando como um meio essencial de comunicação, memória e construção de identidade.





LUCIANA BRITO
Silêncio Absoluto, 2024

Série N/A, Salvador,
BA, Técnica Mista.



MARINA FELDHUÉS
Sem título, 2019-23

Imagem da série de fotocollagens “Nós: a desordem da Carne” contida no livro de artista Viagem ao Brasil 1865-1866: a desordem da carne.



NANA MORAES

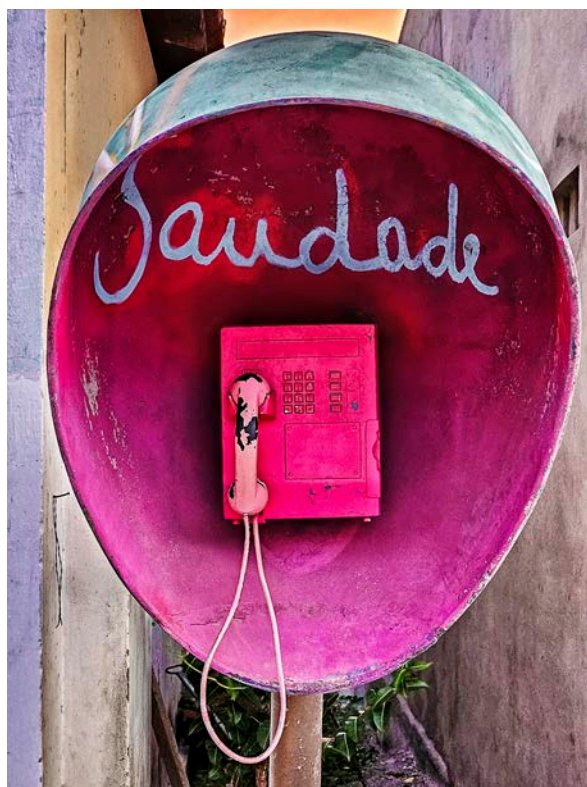
Algemada na hora do parto

Da série Ausência (2017-2022), projeto onde imagens e palavras dão voz às mães encarceradas e promove comunicação com os filhos, por meio de cartas e fotografias.

ERIKA ARAUJO

Saudade, 2024

Imagem capturada na Ilha do Ferro, povoado de 500 habitantes localizado às margens do Baixo São Francisco, em Alagoas.



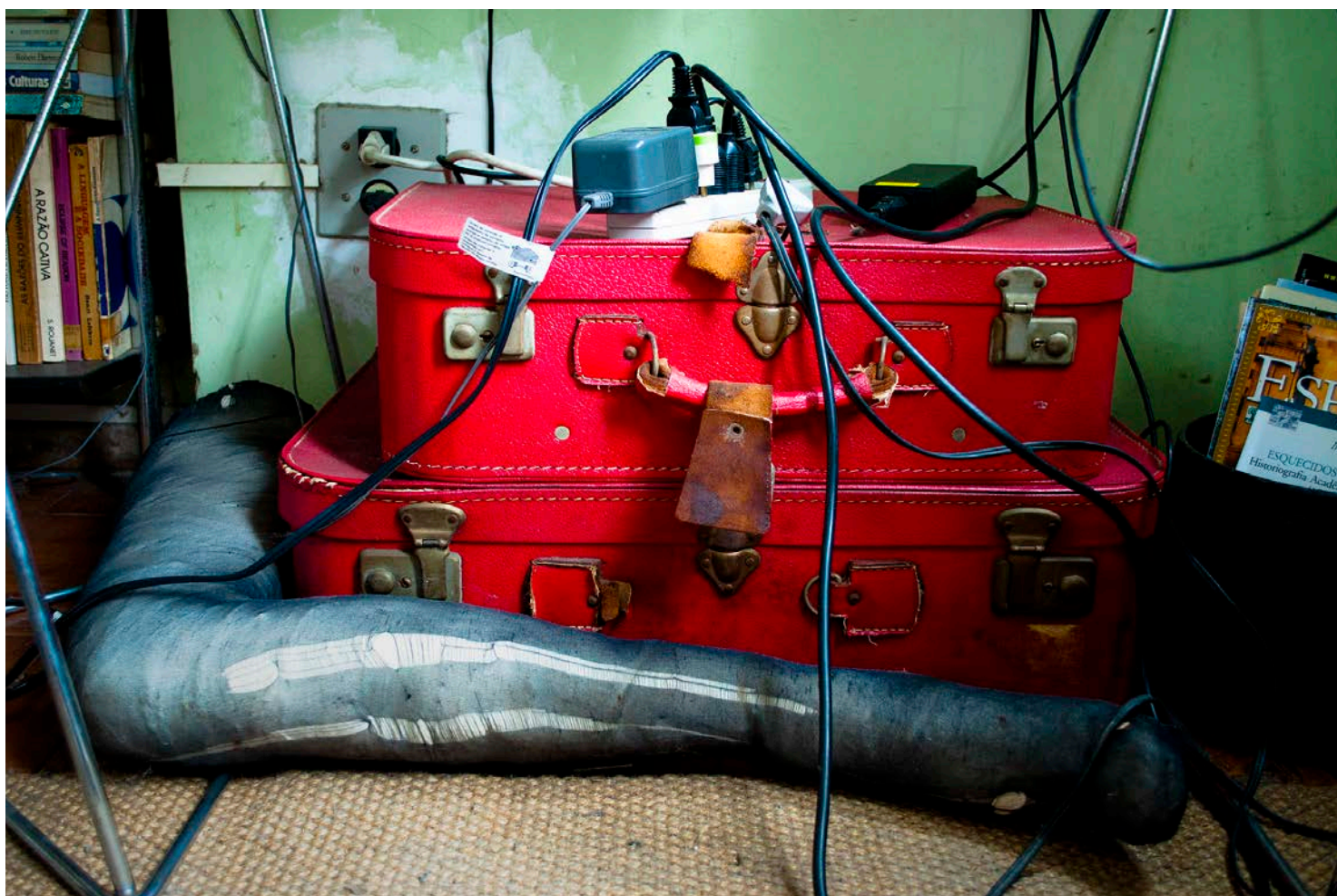
**MARIA CLARA DA
SILVEIRA CABRAL**
Romãs e antúrios, 2024

Imagem de tia Marilda quando criança (acervo pessoal) em torno de romãs e antúrios. Bordado em papel com pedrarias e papel fotográfico.



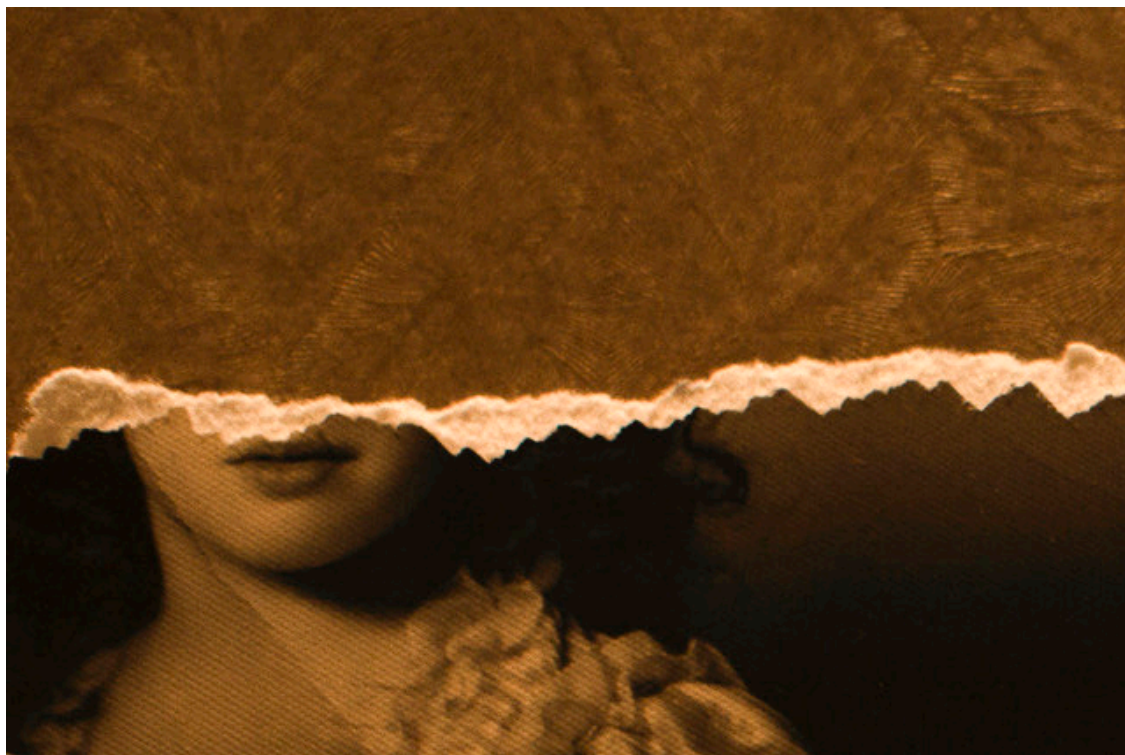
TETÊ SILVA
Enquanto ela estava longe, 2012

Série produzida enquanto o casal estava distante. Ela em Portugal, ele no Brasil. A fotógrafa “invadiu” a casa, não para testemunhar esta distância, mas à procura daquilo que os fez continuar conectados.



ANA LEAL
Cura, 2023

Fotografia composta por folha antiga de álbum de família. Cura é parte do projeto "O Vazio ocupa um lugar Imenso".



ANA HELENA LIMA
Série: Tempestades, 2023

Foto após corte do próprio cabelo.



LAURA AIDAR
Anônimas, 2023

Trabalho feito a partir de fotografias rejeitadas. Imagens de mulheres que chegaram até a artista já rasgadas, sem endereços, encarando a câmera em algum ponto distante da linha temporal.





PAULA GIORDANO
Sem título, 2021

A imagem faz parte de uma investigação onde a autora busca dialogar com os sentimentos advindos da ausência materna e das memórias remanescentes, a partir de fotografias e objetos deixados por sua mãe.

Continua
na P. 18

ILANA BAR
Sem título, 2015

Toninho olha para a fotógrafa, enquanto Tamara, Tocha e Taerê posam para um registro fotográfico antes da festa.



MARINA CALDERON
Clube do Bom Amigo, 2023

Um casal dança salsa na praça El Venezolano, no centro de Caracas, na Venezuela, um projeto de memória e preservação das culturas e tradições de um povo.





LUIZA SIGULEM
Mulher, 2005

Reflexo de uma mulher em um dia de chuva na Avenida Paulista, em São Paulo, SP.



LILLIAN BARBON
Confinamento, 2020

Fotografia feita durante os primeiros dias de isolamento social, na pandemia. A imagem de um mundo distópico adentra o espaço através de uma câmera escura feita no quarto da artista.

Continua
na P. 20

CAMILA HERMES
 Inventário, 2023

O projeto apresenta, no formato de inventário, lixos que levam centenas de anos para se decompor, como heranças deixadas na praia para as futuras gerações.



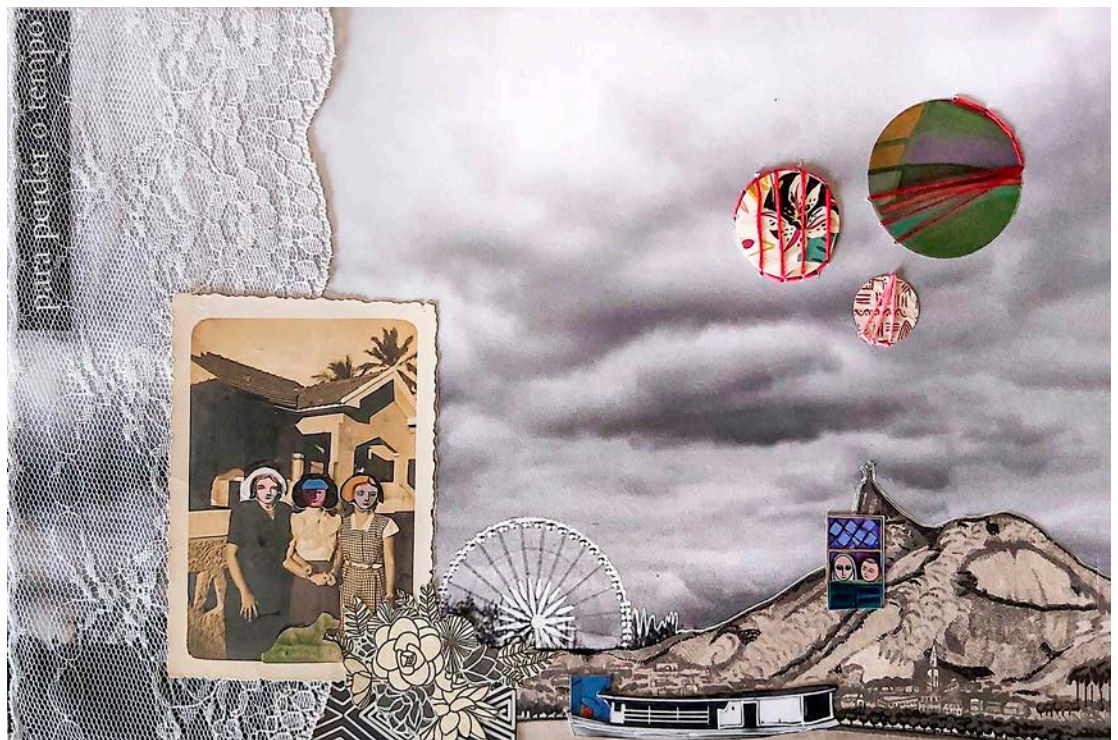
MARIAN STAROSTA
 Maroquinha
 Fru-Fru, 2021

Na frente de onde a fotógrafa morava, em São Paulo, tinha uma banca de jornal, e com o dinheiro da semana comprava bonecas de papel e as Estorinhas de Walt Disney.



ALESSANDRA FRANÇA
 Sem título, 2022

Para perder o tempo, da série "O Mundo em mim", Paris. Nesta série, a artista entrelaça histórias alheias às próprias, costura afetos e experiências.





JOSIANE DIAS
Pará, Brasil, 2024

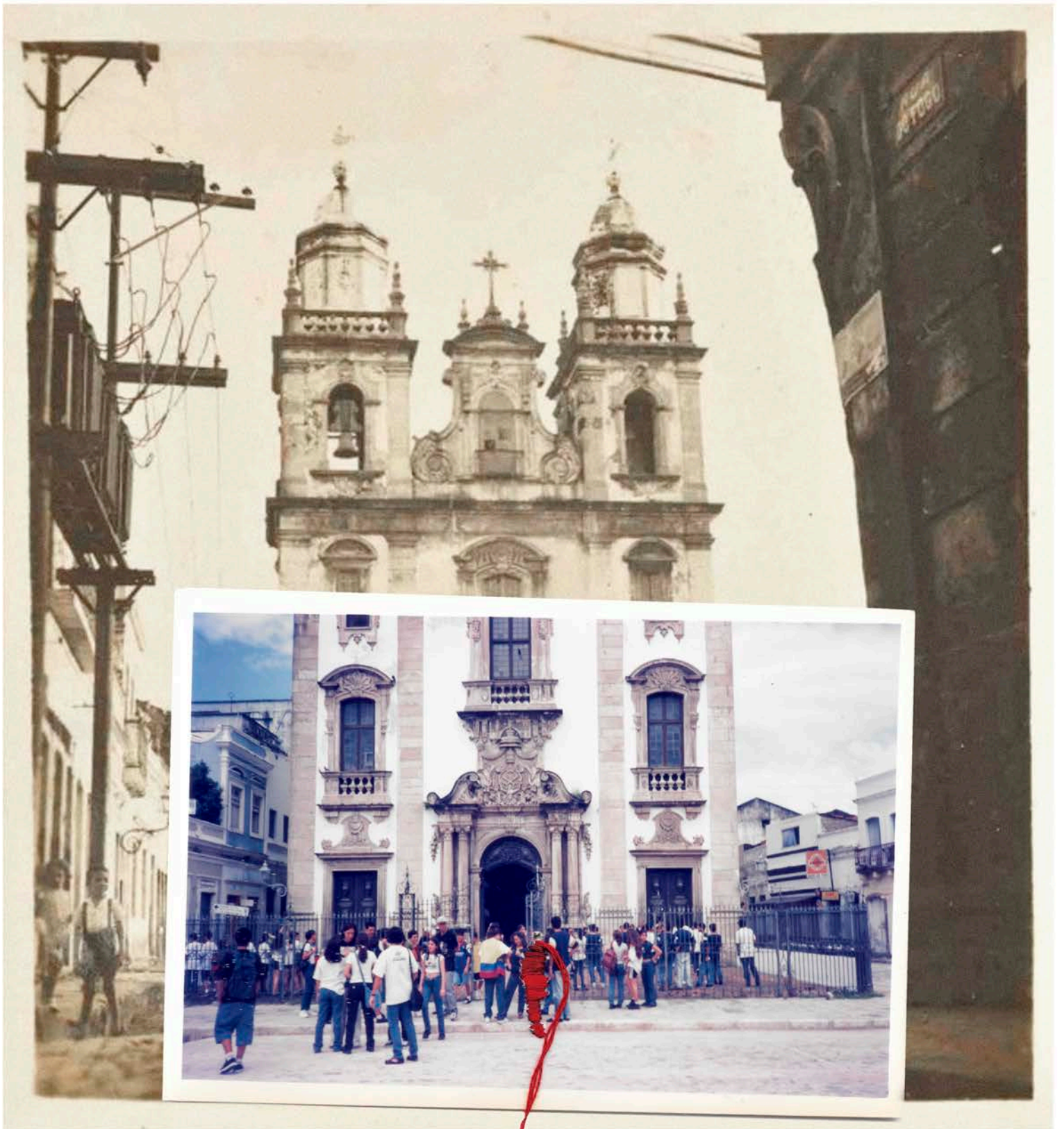
Interior de uma cozinha dentro de uma embarcação utilizada para navegar nos rios da Amazônia.

GISELE MARTINS
Sem título, 2022

Quarto de Noemisa Batista dos Santos, famosa escultora do Vale do Jequitinhonha, MG, que faleceu em abril deste ano.

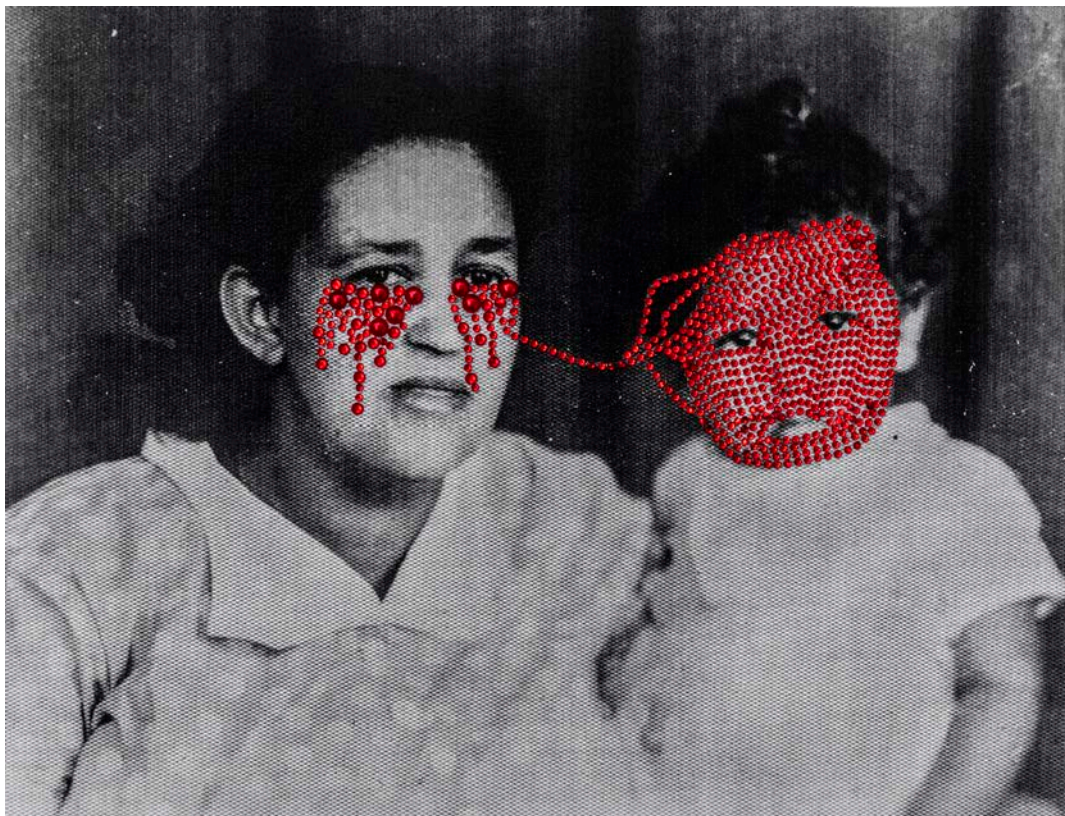


Continua
na P. 22



PRISCILLA BUHR
Memória é quase
melódia, 2020

Ensaio fotográfico/textual sobre um passeio escolar que a fotógrafa fez em 1998 e, pela primeira vez, fotografou com a intenção de criar uma reportagem visual, para o jornalzinho do colégio.



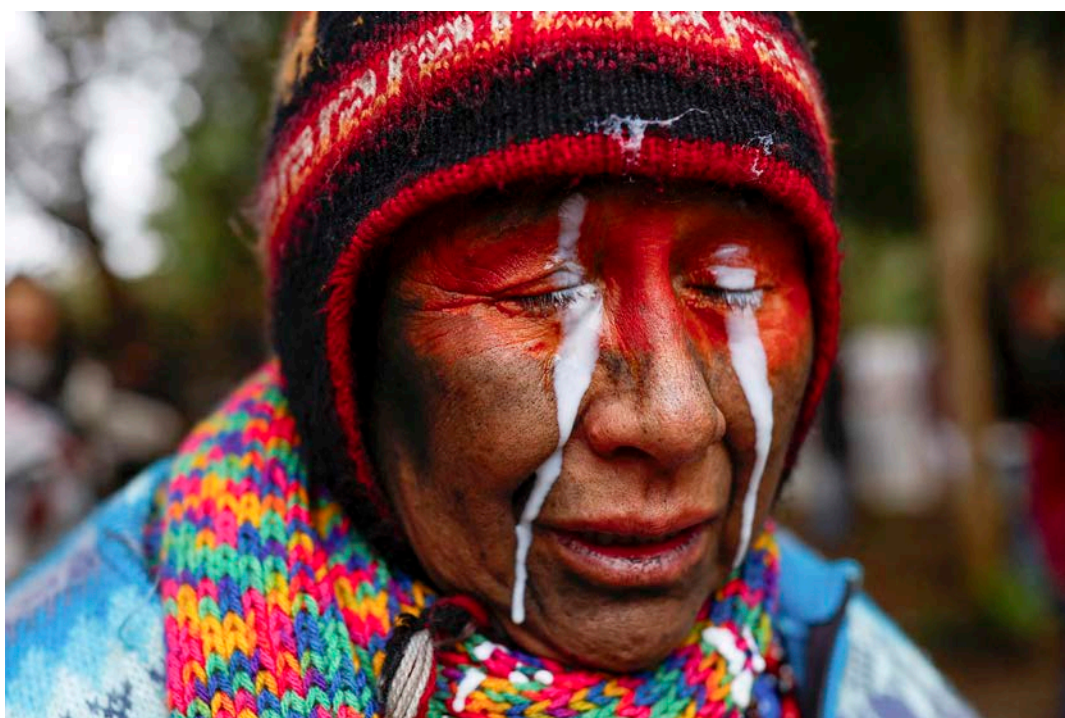
REISLA OLIVEIRA
Erupção, 2023

Quem era a avó que carrego em mim? Qual é o legado das mortes súbitas? Quando pensa nos caminhos tomados por filhas e filhos da vó Maria, a artista procura reconstruir pontes entre suas vidas e imaginar modos de preencher vazios.



MELISSA WARWICK
Dona Nadir da
Mussuca, 2021

Dona Nadir é mestre de cultura popular do povoado quilombola Mussuca, em Laranjeiras, Sergipe.



AMANDA PEROBELLI
Sem título, 2023

Indígena Julieta Paredes passa leite de magnésia nos olhos após a polícia usar gás lacrimogêneo nos manifestantes, em protesto contra o “Marco Temporal”, em São Paulo.



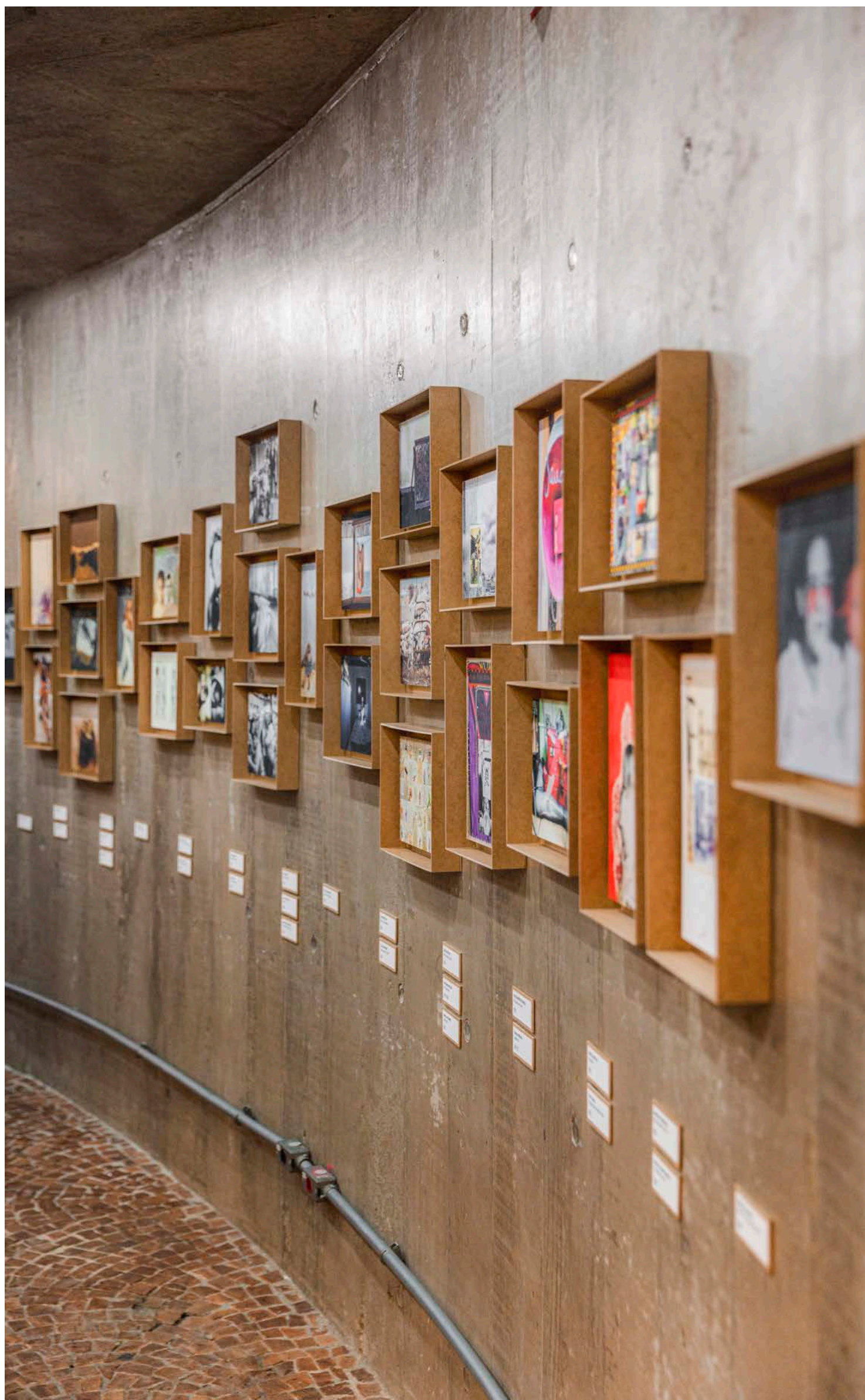
DAN AGOSTINI
Sem título, 2024

Quadro em uma casa destruída pelas enchentes que ocorreram no Rio Grande do Sul, no bairro Sarandi, em Porto Alegre.

MARIANA MELONI
Vila Epecuén, 2017-2024

Epecuén costumava ser uma vila no interior da Argentina, muito visitada por turistas desde a década de 1920 e famosa por suas águas terapêuticas, dez vezes mais salgadas que o mar.





Parede expositiva da mostra “Memórias contadas, à deriva e sonhadas” | Foto Thays Bittar



RODA DE CONVERSA JEITO DE CORPO

Jeito de Corpo é um projeto que possui questões norteadoras sobre a diversidade dos corpos, a história do retrato e a circulação em espaços públicos por pessoas portadoras de deficiência. As fotografias são produzidas em lugares de grande circulação da cidade de São Paulo como avenidas, praças, parques, estações de ônibus e metrô, os quais a artista, que possui mobilidade reduzida, consegue acessar com sua cadeira de rodas.

Nestes espaços é montado um fundo infinito (dois tripés e um tecido) de 1,40m x 1,70m, e são convidadas, ao acaso, pessoas que estejam circulando pelo local a posarem para o trabalho. Caso aceitem o convite, devem tentar “adaptar-se” ao espaço do fundo infinito, aproximando-se, assim, da altura da artista na cadeira de rodas. Todo passante está tacitamente convidado a participar, basta que seja receptivo à ideia de abandonar a postura ereta (dita “normal”) e ocupar o espaço delimitado pelo fundo infinito, habitando, portanto, um novo “jeito de corpo”, uma posição menos usual e mais negociada, uma vez que o corpo do retratado deve “caber” nesta

altura de 1,40 m. A imagem final mantém parte do espaço extracampo em que o fundo infinito está colocado, para ressaltar a importância da paisagem em que os corpos fotografados estão inseridos.

De que maneira estes corpos tensionam a noção de pose ao se reinventarem dentro das restrições colocadas? Em que medida esta recriação do corpo, experimentada em caráter provisório pelo retratado, não representa/é a realidade cotidiana da pessoa portadora de mobilidade reduzida? A partir desta proposta, emergem as respostas de cada participante, inteiramente originais nas soluções e saídas encontradas.

Os múltiplos “jeitos de corpo” que preenchem este espaço, paradoxalmente “reduzido” pelo fundo “infinito”, apontam para as singularidades de cada retratado, sendo um dos principais objetivos do projeto mobilizar uma reflexão sobre a relação dos participantes e dos espectadores das fotografias com o próprio corpo que, aqui, passa necessariamente por desafios, tais como o desconforto físico, a manutenção do equilíbrio e a adaptação a novas formas de estar no mundo.



LUIZA SIGULEM

É fotógrafa formada pelo Senac, com experiência em diversos veículos de comunicação. Especialista em retratos, é uma das fundadoras da editora de fotolivros Uibrant, onde publicou dois livros, um solo e outro em parceria com demais artistas; e também possui trabalhos fotográficos autorais exibidos em mostras e eventos no Brasil. cursou Ciências Sociais e se especializou em Psicanálise, os conhecimentos nessas áreas influenciam seu olhar para a fotografia.



Priscilla Albuquerque
Jorge Santtos
Giovana Dionisi

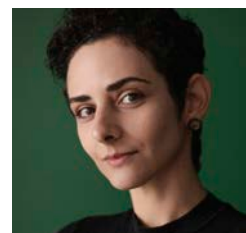


RODA DE CONVERSA A HISTÓRIA QUE EU IMAGINEI PRA VOCÊ

O objetivo desse projeto é contar histórias de mulheres que nasceram em uma época onde a sociedade era muito mais conservadora e patriarcal, mas que agora experimentam a liberdade de poderem ser quem quiserem.

Por um longo período da história, apenas parte da população possuía o privilégio de decidir livremente o que queria fazer da vida. A muitas mulheres não foi dada a escolha de seguir seus sonhos, carreiras e paixões. Uma mulher nascia e era cria-

da para ser dona de casa, mãe, cuidadora. O casamento, muitas vezes, não era com o seu grande amor. Mas, mesmo que o passado não possa mudar, o presente e o futuro ainda podem ser diferentes. Divorciadas ou viúvas, ativas e já sem maiores responsabilidades, diversas mulheres com idade acima dos 70 anos agora vivem a vida ao máximo, frequentando festas e viagens para aproveitar o melhor de seus dias, embalados ao som de canções dos velhos tempos.



MAÍRA ERLICH

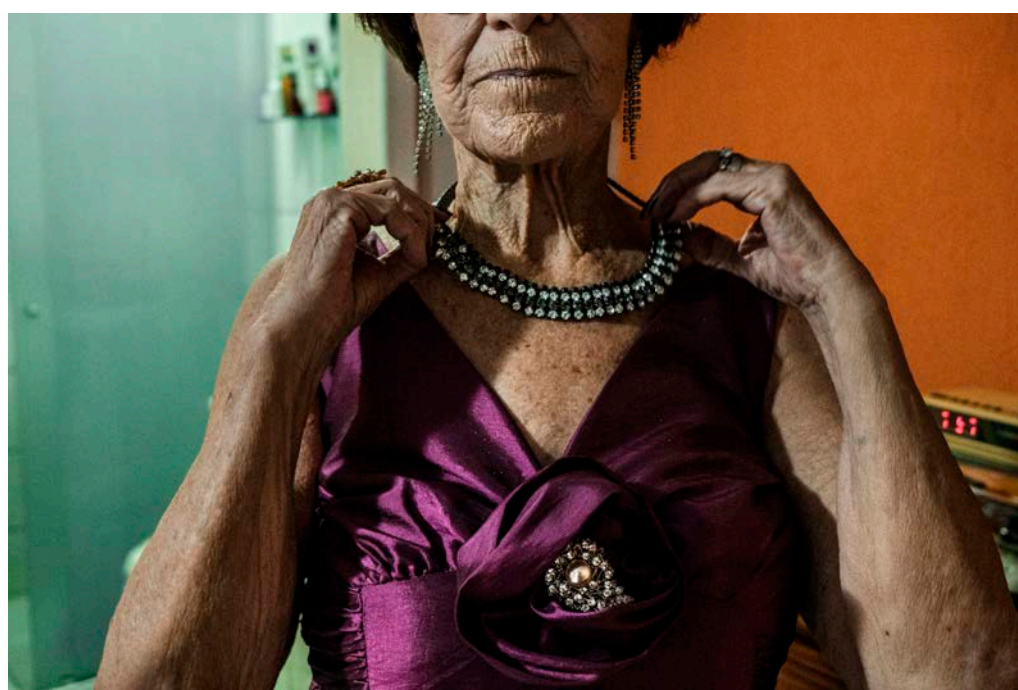
É fotógrafa documental e fotojornalista pernambucana com interesse especial em temas relacionados a questões sociais, direitos humanos e cultura. Por oito anos dedicou-se à fotografia de casamento, onde conquistou mais de 50 prêmios. Em 2018, venceu a segunda temporada do “Arte Na Fotografia”, apresentado no canal Arte1. Atualmente, trabalha de forma independente, colaborando com veículos e organizações internacionais. Em 2023, tornou-se National Geographic Explorer.



Senhoras conversam em um salão de dança na Cidade do México, México, 2017



Uma mulher faz uma apresentação de dança em Natal, RN, Brasil, 2019



Elcely Franklin, 79 anos, se prepara para uma festa em Guaratuba, PR, Brasil, 2019



Casais dançam juntos em uma festa em Recife, PE, Brasil, 2017



Bate-bolas na Cidade de Deus, Rio de Janeiro, no carnaval de 2021



O tradicional bloco das piranhas, na Rocinha, Rio de Janeiro, 2017



Casarão na rua Men de Sá, 100,
 Lapa, Rio de Janeiro, 2012



RODA DE CONVERSA A FOTOGRAFIA QUE DÁ VOZ E CORPOS

A partir do encontro com Luana Muniz, Ana Carolina viu sua fotografia potencializar histórias que importam. Imagens vistas e vividas que provocam reações, reflexões e movimentos que reforçam a imagem enquanto encontro. A Rainha da Lapa, como Luana era conhecida, arrendou um casarão na rua Mem de Sá, 100, no Rio de Janeiro, onde acolhia a população vulnerável LGBT.

Carolina passou alguns anos convivendo e fotografando o dia a dia das 25 travestis que viviam juntas e trabalhavam nos arredores. Uma amizade que durou até a partida de Luana, em 2017. Luana tinha

59 anos de vida, 47 de prostituição e 38 de vida artística. Ana Carolina fotografou sua última apresentação em um bar.

Seus ensaios buscam a beleza das pessoas, das favelas, das praias, a sensualidade dos corpos nos espaços, entre outras manifestações populares e culturais, independente da violência tão divulgada sobre o Rio de Janeiro, uma cidade partida e tão desejada. Seus temas e territórios se engrandecem com sua coragem e generosidade, seja nos trabalhos jornalísticos ou documentais. Uma fotografia com respeito à diversidade e em defesa dos direitos humanos, um grito de liberdade!



ANA CAROLINA FERNANDES

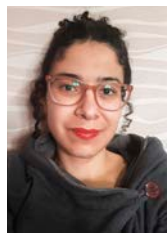
Formada em Fotografia pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Fotojornalista desde os 19 anos, passou pelo O Globo, Jornal do Brasil, Agência Estado e Folha de S. Paulo. Desenvolve ensaios pessoais e fotografa as praias do Rio de Janeiro. Desde junho de 2013, documenta manifestações de rua. Foi finalista do Prêmio Fundação Conrado Wessel e selecionada do Top Ten Award, ambos em 2013. Participou dos livros “Blocos de Rua do Carnaval do Rio” e “As Donas da Bola”. Na pandemia passou a integrar o coletivo Covid Latam, composto por fotógrafas e fotógrafos, situados em países da América Latina.



Alessandra França



Alessandra Sposetti



Amanda Branco



Amanda Perobelli



Ana Beatriz Elorza



Ana Carolina Fernandes



Ana Helena Lima



Ana Leal



Ana Paula Dias



Carolina Krieger



Cássia Xavier



Cecilia Urioste



Christiane Fusco



Clara Turazzi



Claudia Ferreira



Claudia Tavares



Cristina Zarur



Dan Agostini



Flávia Fusco



Florencia Veres



Gabi Campos



Georgia Quintas



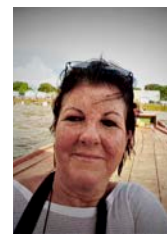
Giovana Pasquini



Gisele Martins



Giulianne Martins



Graça Arnús



Guadalupe Presas



Juliana Chagas



Laura Aídar



Laura Papa



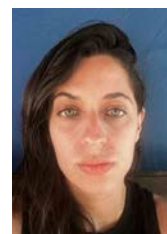
Laura Rojas



Ligia Fernandes



Lilian Barbon



Livia Bitetti



Louise Belmonte



Luana Lorena



Maria Clara



Maria Maia



Maria Pandeló



Maria Vaz



Marian Starosta



Mariana Meloni



Marina Calderon



Marina Feldhues



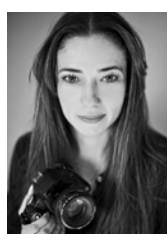
Mayra Azzi



P. da Silva



Patrícia Gouveia



Paula Giordano



Paula Pedrosa



Paula Vasone



Priscilla Buhr



Reisl Oliveira



Renata Saad



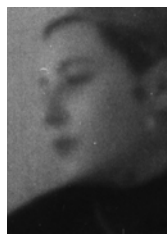
Rosângela Andrade



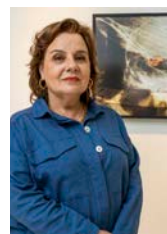
Rossana Di Munno



Safira Moreira



Samanta Ortega



Sandra Gonçalves



Simonetta Persichetti



Sofia Colucci



Solange Quiroga



Sônia Góes



Sylvie Moyen



Tassiana Rovai



Tetê Silva



Thaneressa Lima



Thays Bittar



Thea Severino



Tuane Eggers



Ulla Von Czekus



Vania Viana



Yara Schreiber Dines



Ana Paula Vitorio



Ana Sabiá



Ana Silvia Forgiarini



Ana O. Rovati



Andressa Cerqueira



Bárbara Lissa



Bella Tozini



Camila Hermes



Carol Lopes



Daniela Dib



Daniela Lucheta



Daniela Schneider



Daniele Queiroz



Eliária Andrade



Erika | A



Estefania Gavina



Fernanda Chemale



Fernanda Masini



Heloisa Ururahy



Ilana Bar



Isabela Arantes



Isabella Lanave



Ivana Debértolis



Jane Paris



Jennifer Cabral



Josiane Dias



Julia Sales



Luciana Brito



Luciana Castro



Luciana Faustine



Lucrécia Couso



Luíza Sigulem



Maíra Erlich



Maíra Gamarra



Malu Teodoro



Mari Jacinto



Melissa Warwick



Mirian Fitchner



Mirian Guimarães



Mônica Maia



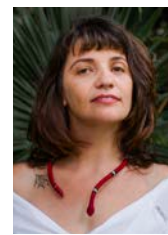
Mônica Zarattini



Nair Benedicto



Nana Moraes



Natalia Chagas

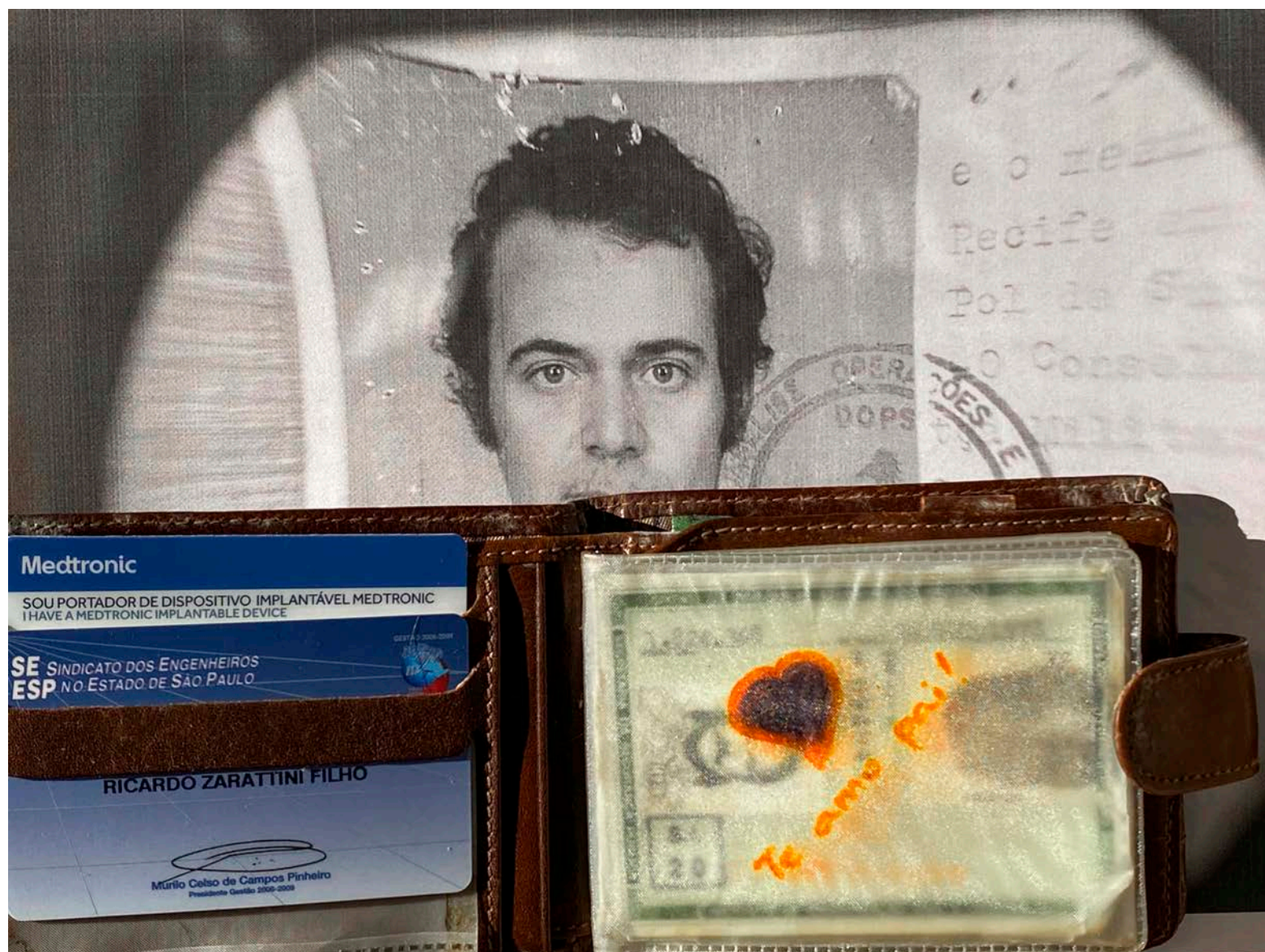


Nathalia Bertazi



...e mais todas as pessoas que participaram das atividades e nos apoiaram neste movimento. Um projeto feito por mulheres, sobre elas, para todos, todas e todes

Festival Mulheres Luz
realizado de 16 à 20 de outubro de 2024



RODA DE CONVERSA – MEU PAI É VIAJANTE.



Nesta pesquisa a fotógrafa aborda sua história e a relação com seu pai, cercada de ausências e restrições. Ele, Ricardo Zarattini, foi um dos 15 presos políticos banidos do país em troca da libertação do embaixador Charles Burke Elbrick, sequestrado por militantes de esquerda em 1969. Mônica tinha apenas 7 anos de idade e toda família ficou sem saber o paradeiro de Ricardo, depois que o avião com os 15 presos os deixou no México e o embaixador foi solto no meio da multidão que saía do jogo no Maracanã. Toda e qualquer conexão com seu pai foi abolida, dessa forma, muitos medos, inseguranças e incertezas permearam sua infância e adolescência. Em 2016, participou de uma oficina ministrada pelo fotógrafo portu-

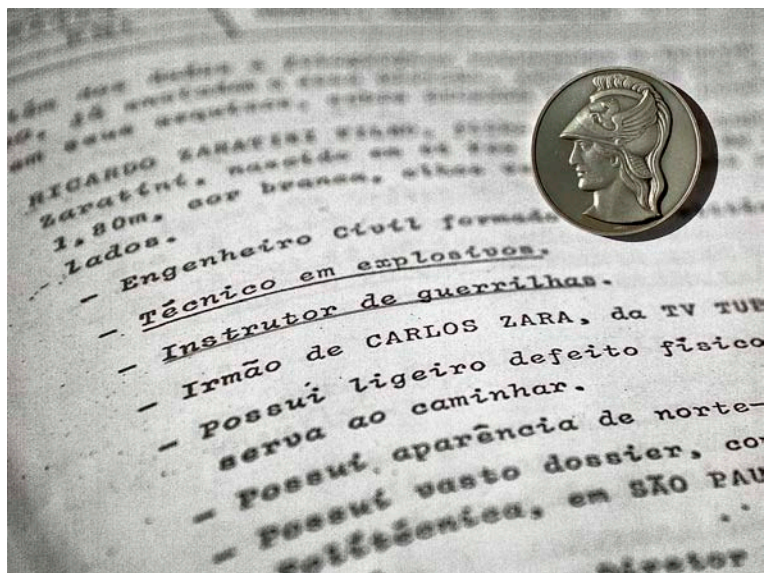
guês João Pina durante o Fórum Latino-Americano de Fotografia, que tratava sobre arquivos e memórias da ditadura militar. Com o professor, visitou o Arquivo Público do Estado de São Paulo, na Zona Norte da cidade, quando solicitou ao atendente uma busca pelo nome de seu pai, Ricardo Zarattini, e também pelo seu.

Um misto de surpresa, emoção e tristeza a invadiu quando se deparou com aquelas pastas com documentos e fotos depois de mais de 40 anos. Encontrar seus retratos de identificação de passagem pelo famigerado Dops (Departamento de Ordem Política e Social) gerou uma palpitação e um interesse sem fim para checar como os algozes da ditadura militar viam as pessoas que perseguiram.

MÔNICA ZARATTINI
 Doutora em Artes e bacharel em História (USP). Mestre em Comunicações (ECA/USP). Foi editora de fotografia e fotojornalista do O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde, 1988/2015. Foi uma das curadoras do Festival de Imagens Periféricas, 2021. Fez parte dos conferencistas do MASTERCLASS - Festival Internacional de Fotografia de Bogotá, 2022. Prêmios: Troféu Mulher Imprensa; Embratel de Fotografia; Uladimir Herzoğ, entre outros. Autora do fotolivre PLANO, SECO E PONTIAGUDO. Autora dos retratos da exposição UIVA LA DIFERENCIA! do Museu da Ciência de Barcelona e das fotos da exposição PAULICÉIA, MIS-SP.



Imagens que fazem parte da pesquisa da autora onde aborda a relação com seu pai Ricardo Zarattini





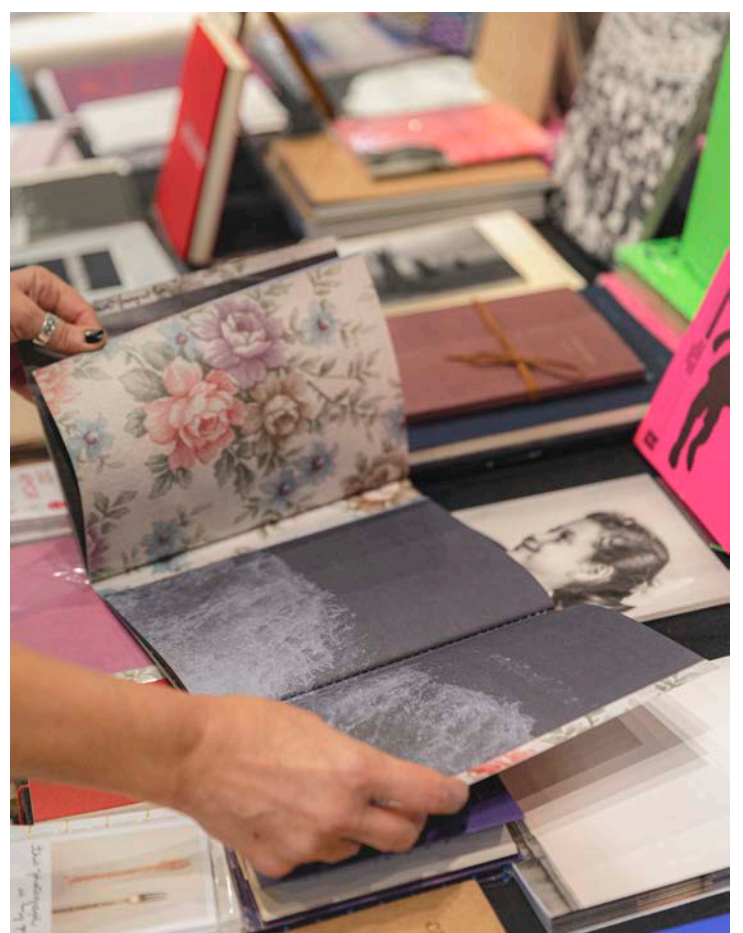
Movimentação da feira durante o festival | Fotos Thays Bittar

QUEM PARTICIPOU DA FEIRA

Autoras e editoras apresentam seus trabalhos durante os quatro dias de festival

Amanda Branco
Borogodó Editora
Corpo Expandido
Diquinta Coletivo
Editora Origem
Fernanda Chemale
Giovana Pasquini
Heloisa Ururahy

Laura Rojas
Lovely House
Mayra Azzi
Mulheres Luz
Pirlimpinlata
Samanta Ortega
Sofia Colucci
Yara Schreiber





Participantes em atividade conduzida por Andressa Cerqueira | Foto Thays Bittar

OFICINA CLUBE DO FOTOLIVRO

Participantes apresentam bonecos e protótipos de publicações de seus fotolivros, de diferentes lugares e épocas, para uma discussão coletiva, trazendo a oportunidade de uma intensa troca, de grande importância nesta etapa da produção, de forma a explorar as nuances e possibilidades na maneira de se tratar um mesmo assunto.



ANDRESSA CERQUEIRA

Pesquisadora e editora de livros fotográficos. Concluiu o bacharelado em fotografia em 2013 pelo Centro Universitário Senac. O aprofundamento no assunto fotolivro se deu durante seu trabalho de 5 anos na curadoria de títulos para a Livraria Madalena, outros 5 anos em produção e coordenação editorial para a Editora Madalena e 3 anos de pesquisa e catalogação de títulos para a Base de Dados de Livros de Fotografia. É professora no curso livre “A forma do Fotolivro”, realizado semestralmente no Galpão Comum junto com Vitor Casemiro e, desde 2017, realiza a atividade Clube do Fotolivro em festivais.



Fotografias descartadas do acervo ACHO - Arquivo Coleções de Histórias Ordinárias

OFICINA IMAGENS SUPERVIVENTES



ESTEFANIA GAVINA

Nascida na Argentina e naturalizada brasileira, vive e trabalha em Campinas desde 2002. Em 2014, fundou o Ateliê CASA, voltado para a arte contemporânea. É cofundadora do projeto ACHO - Arquivo Coleções de Histórias Ordinárias. Seu processo de trabalho começa pelo encontro com materiais descartados. Dentre as exposições das quais fez parte, destaca-se: BBA Gallery Berlin [2024], Do Juried Artists Show, Brooklyn NYC [2023], NatBioGallery Argentina [2023] e 46° SARP - Salão de Arte de Ribeirão Preto [2021]. Prêmios: Mérito Fotográfico Hercules Florence [2023], Menção Honrosa PhotoPrix [2023], Festival Imaginaria SP [2022], entre outros.

A proposta do trabalho é incentivar a imaginação através da experiência com pedaços de fotografias que compõem o acervo do ACHO - Arquivo Coleções de Histórias Ordinárias. Este arquivo tem a intenção de acolher fotografias descartadas e encontradas na cidade de Campinas, em São Paulo, por um grupo de catadores de materiais recicláveis.

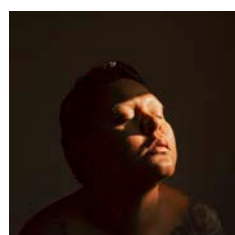
Na oficina, os participantes têm à disposição uma grande mala com fotografias rasgadas. A prática, então, é realizada a partir de exercícios de experimentação, envolvendo as possibilidades criativas abertas pelo jogo e pelo acaso. Ao final da atividade, cada participante terá adotado um pequeno conjunto de imagens órfãs para realizar sua obra.



A dança | Foto bordada P. da Silva

OFICINA INTRODUÇÃO AO BORDADO EM FOTOGRAFIA

Nesta oficina, são apresentados três pontos bases de bordado (haste, atrás e nó francês), a serem usados para narrar uma nova história de uma fotografia. A artista ensina como manipular os materiais para não rasgar o papel fotográfico e conseguir formas orgânicas usando uma matriz feita na hora.



P. DA SILVA

É uma pessoa não-binária, de 29 anos e residente em São Paulo. Fotógrafo autodidata e artista visual: pinta, borda, escreve e dedica sua pesquisa em fazer a arte que quer ver no mundo. Iniciou no mundo das artes em 2016, quando deu vida a seu primeiro projeto fotográfico, chamado: "Eu, gorda". Atualmente, busca representar seus retratos em outras linguagens que não só o papel fotográfico, ao mesclar a arte têxtil, física e palpável, com a arte digital, imaginativa, e suas infinitas possibilidades de contar histórias.



Dinâmica de construção de narrativas para edição de fotozine



OFICINA ZINE + ZINE

Zine + Zine é uma oficina de criação coletiva de fotozines, destinada a qualquer pessoa, maior de 18 anos, interessada nos processos de edição e construção de narrativas visuais em forma de livro. Os participantes trabalham coletivamente na criação de um fotozine, a partir de suas próprias fotografias.

COLETIVO LOMBADA

É um grupo voltado à discussão, criação e edição de trabalhos que dialogam com o universo da imagem. O propósito é estreitar laços, promovendo e fomentando trocas acerca de referências e obras, para tornar processos e produções mais potentes e coletivas. Atualmente, fazem parte do coletivo: Alessandra Sposetti: cozinheira e artista visual; Ana Paula Vitorio: pesquisadora e curadora; Ana O. Rovati: artista, pesquisadora e educadora; Cristina Zarur: escritora e artista visual; Nathalia Bertazi: artista visual, editora de fotolivros e educadora.





Fotografia sendo revelada em laboratório analógico

OFICINA PIRLIMPALATA

A oficina explora a captação de imagens de forma lúdica com câmeras pinholes, que são baseadas no princípio da câmera escura: a luz passa através do pequeno orifício e projeta uma imagem invertida na parte interna, onde um material fotossensível registra a fotografia.

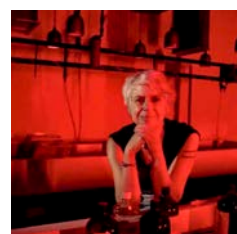
São utilizadas marmitas, como câmeras, e papel fotográfico para a vivência do processo. A atividade propõe ensinar de maneira divertida e prática os princípios da fotografia, explorando a criatividade e habilidades artísticas, além da ciência por trás da fotografia. A câmera pinhole é um tipo de câmera fotográfica muito simples e primitiva, que utiliza um pequeno orifício feito com uma agulha no lugar da lente.

Tudo começa com a pessoa participante otimizando uma câmera Pinhole, feita por uma lata de marmita. Depois ela escolhe o que fotografar, mostrando o seu olhar sobre a sua comunidade e, em seguida, a mágica acontece na revelação, onde as crianças acompanham a materialização da imagem no papel fotográfico.

O Pirlimpalata é um projeto da ONG Feito Formiguinhas, que compartilha a magia da fotografia com crianças e adultos que vivem em comunidades carentes. Através de uma câmera pinhole feita com uma marmita, mostramos que a arte também alimenta.



Marmita utilizada como câmera



ROSÂNGELA ANDRADE

Iniciou sua carreira em 1985, como fotógrafa. Trabalhou como laboratorista com o fotógrafo Zé de Boni, na Álbum Laboratório. Em 1982, abriu seu próprio espaço, o Imágicas Laboratório Fotográfico. Em 32 anos de atividade, realizou ampliações para exposições e livros de nomes da fotografia brasileira, tais como: Cristiano Mascaro, Claudia Andujar, Thomas Farkas, Maureen Bisilliat, Ed Viggiani, German Lorca, entre outros. É fundadora do Clube do Analógico e oferece oficinas de Orientação de Laboratório Fotográfico e Ensaio Fotográfico no SESC Pompeia. Desde 2019 é voluntária na ONG Feito Formiguinhas, onde desenvolve o projeto Pirlimpalata, oficina de pinhole para crianças e adultos.



Fotógrafa
Maureen
Bisilliat
retratada
por Marian
Starosta

TENDA PROJETO FACE A FACE FOTÓGRAFA: MARIAN STAROSTA



O projeto Face a Face: Fotógrafas Reveladas é um trabalho ainda em processo, iniciado em 2010, com o objetivo de retratar a face de fotógrafas que, muitas vezes, têm seus trabalhos conhecidos mas não seus rostos. Assim como faziam os fotógrafos no século XIX, quando foi inventada a fotografia. Uma tenda é montada e fotógrafas e artistas são convidadas a entrar para serem retratadas.

A tenda funciona como um mini-estúdio instalado em áreas públicas, externas, entre outros ambientes, e cria a possibilidade de juntar dois estados do retrato fotográfico: o estático e o instantâneo. O fato da pessoa ser convidada a ser fotografada dentro de uma tenda ao ar livre traz um clima instantâneo à pose, amolecendo toda a rigidez que um estúdio fotográfico normalmente impõe.

MARIAN STAROSTA

É fotógrafa, artista visual, videomaker, professora e jornalista. Mestre em Comunicação Social, tem especialização em Fotografia pelo International Center of Photography - NY, USA. Como professora trabalhou em universidades do sul do Brasil, foi professora e diretora no Ateliê da Imagem, Espaço Cultural no Rio de Janeiro, por 13 anos. Na poética, o interesse é nas pessoas, suas histórias de vida e como elas individualizam seus espaços. Suas séries já participaram de mostras e festivais como o Diário Contemporâneo de Fotografia, FotoRio, FestFoto Porto Alegre, entre outras. Tem fotografias na Coleção de Joaquim Paiva, MAM-RJ. É gaúcha e vive no Rio de Janeiro.

ENSAIO IMAGENS PROPORCIONAM RECOMEÇOS

O conjunto dos trabalhos selecionados reflete a produção contemporânea produzida por mulheres, e mesmo sem tema pré-determinado para a inscrição das convocações abertas pelo Festival Mulheres Luz, os conteúdos dialogam com a memória, em seus espaços, corpos e experiências, objeto desta edição. O tempo está presente, seja ele no aqui e agora ou em passados revisitados.

O lugar da fotografia é amplo, entre eles destaca o sentimento e o documento. Importante reconhecer rastros e fissuras, as imagens podem nos proporcionar recomenços.

Dos retratos íntimos a fotografias de cotidianos, os ensaios traçam percursos estéticos de uma época, às vezes como labirintos entre imagens deterioradas que surgem em novas visualidades, outras com questões ligadas à ancestralidade, gênero, raça e identidades.

Acessar álbuns de família é também recriar imagens a partir de novas leituras, interpretações e intervenções. Pensar no que não foi guardado nos provoca a refletir sobre silenciamentos e desejar novas narrativas.

Ensaio jornalístico, como Tragédia Anunciada - imagens do apocalipse no Rio Grande do Sul, de Mirian Fichtner e projetos poéticos, que passam por dores e afetos, tais como: "CORPES Dissidentes", de Bella Tozini; "Nostalgia de Clareira", de Carolina Krieger; "Nada onde somos é eter-

no", de Cássia Xavier; "Constelações", de Guadalupe Fernandez Presas; "Álbum de Família", de Luciana Faustine; "Vínculo", de Mari Jacinto; "O que deixamos para trás", de Tassiana Rovai; "A dúvida", de Ulla Von Czekus, e "Põe-me como um selo", de Vania Viana, estão interligados no desejo de contar histórias. **MÔNICA MAIA**

📍 QUEM SE INSCREVEU

98

inscrições na convocatória de ensaio fotográfico do festival

+ de 200 ensaios

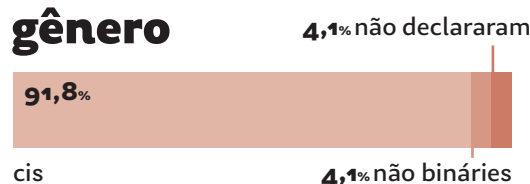
representação de todos os estados brasileiros e Distrito Federal, além de participações vindas dos Estados Unidos, Inglaterra e Reino Unido

raças



2% amarela | 1% indígena | 1% negra indígena
8,2% outras | 3,1% não declararam

gênero



GEROGIA QUINTAS

Escritora, antropóloga, professora e pesquisadora no campo da teoria, filosofia e crítica da imagem fotográfica. Doutora em Antropologia pela Universidade de Salamanca (Espanha), com pós-doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, mestre em Antropologia pela UFPE e pós-graduada em História da Arte pela FAAP-SP. Co-fundadora da editora Olhavê. Autora dos livros "Jogos de aparência - Os retratos da aristocracia do açúcar" (2016), "Inquietações fotográficas - Narrativas poéticas e crítica visual" (2014), "Abismo da carne" (2014), "Olhavê Entrevista" (2012) e "Man Ray e a Imagem da Mulher - A vanguarda do olhar e das técnicas fotográficas" (2008).



SIMONETTA PERSICHETTI

Graduada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero, mestrado em Comunicação e Artes pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e doutorado em Psicologia Social pela PUC-SP, é Pós-Doutora pela ECA-USP. Foi professora de Fotojornalismo na Faculdade Cásper Líbero. Publicou os livros Imagens da Fotografia Brasileira. Organizou a coleção Senac de Fotografia. Ministra palestras e cursos sobre fotografia. É colunista e membro do Conselho Editorial da revista ArteBrasileiros e crítica de fotografia do jornal Estado de S. Paulo. Ganhadora do Prêmio Jabuti de Reportagem 1999. Obteve o primeiro lugar na categoria de jornalista 2008/2009 do Melhor da Fotografia Clix.

Continua
na P. 44



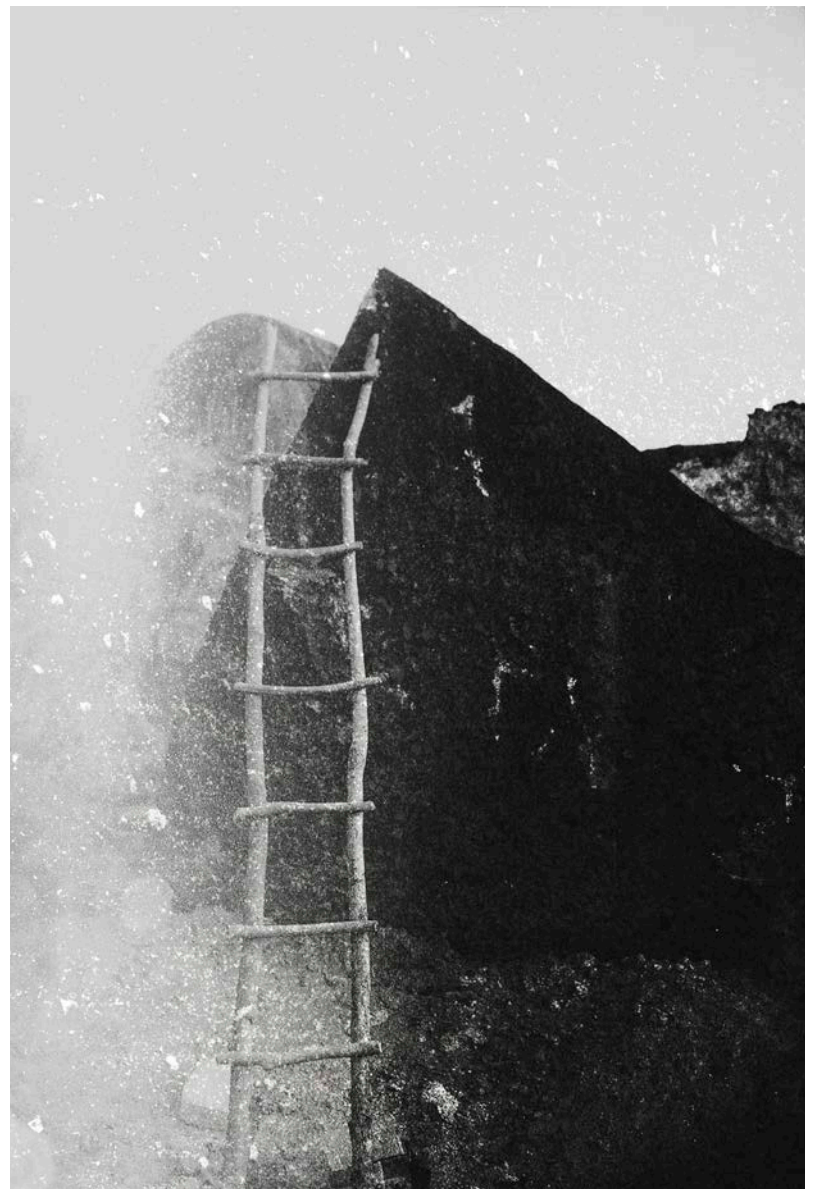
Bella Tozini CORPES DISSIDENTES

A série combina retratos íntimos e depoimentos de pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ com expressões dissidentes, em momentos íntimos e vulneráveis, que representam transformação, transição e uma variedade de corpos possíveis e expandidos. A dissidência aqui não é entendida apenas como um tema, mas como um processo, como um gatilho que evoca uma busca e um percurso estético, em que política e arte se misturam e transbordam modos de composição testemunhal e confessional em fotografia. O projeto traz histórias de pessoas que enfrentam profundamente a exclusão estrutural, a discriminação e marginalização na sociedade brasileira. Através do processo de investigação de corpos dissidentes e espaços domésticos na fotografia de retrato, a artista investiga as múltiplas camadas que existem dentro da experiência LGBTQI+, destacando as interseções complexas de identidade de gênero, idade, raça, formas corporais, sexualidade e territórios.



BELLA TOZINI

Artista visual e pesquisadora interdisciplinar. Utiliza fotografia, vídeo e design para criar trabalhos fotográficos, instalações, experiências interativas e obras audiovisuais.



Carolina Krieger NOSTALGIA DE CLAREIRA



Ensaio produzido a partir de fotografias autorais, apropriações de álbuns da família e livros antigos. No processo destas colagens manuais, a fotógrafa convocou imagens de distintas temporalidades e origens para criar uma instância poética-reflexiva, emulando na linguagem os labirintos erigidos entre o consciente e o inconsciente, buscando trazer à luz questões ligadas à ancestralidade e aos enigmas da vida.

Partindo de uma experiência pessoal, traçou reflexões sobre o processo de criação de imagens como uma abertura ao desconhecido: a mente inconsciente, ou seja, o desconhecido em nós mesmos, aquilo que não controlamos e sempre nos escapa, escapando

ao próprio tempo e se alongando em nossos comportamentos e sentimentos.

Neste ensaio, desenvolvido entre os anos de 2020 e 2022, em Camboriú, SC, gerou colagens em que unia fotografias próprias com retratos de sua mãe ou fotografias realizadas por ela. Num dos retratos lançou o gesto de cobrir seu rosto com as palavras: “o grande mistério”.

Em 2 de julho de 2021, logo após o término do ensaio, uma imagem de outra ordem se estabeleceu: a morte de sua mãe. Ela agora habita o “Grande Mistério”, e pelo tempo que houver de ser, ficam os traços dessa pergunta: seriam as imagens capazes de elaborar algo que vai nos acontecer?

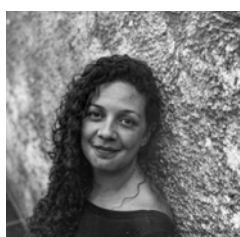
CAROLINA KRIEGER

É artista visual e fotógrafa autodidata. Trabalha com fotografia, imagens do seu álbum de família e colagem manual. Vê em suas imagens pequenos rituais de intensificação com o mistério que nos habita, circunda e fundamenta.

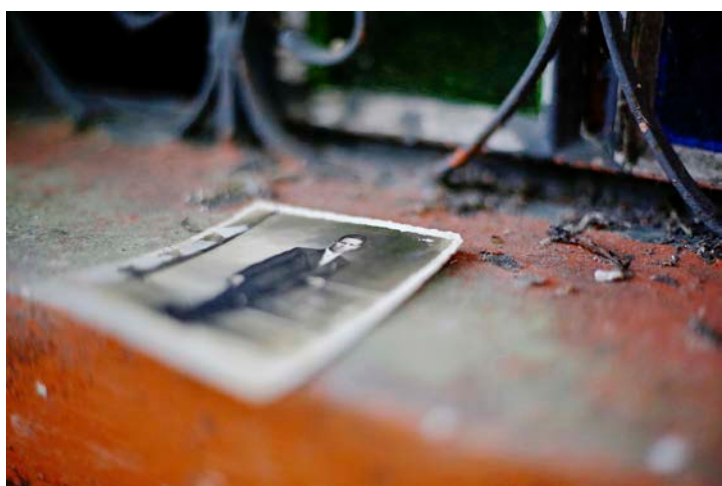
Continua
na P. 46

Cássia Xavier NADA ONDE SOMOS É ETERNO

O ensaio “Nada Onde Somos é Eterno” começou em 2014 e surgiu através do trabalho da artista como conservadora de fotografia junto a um acervo fotográfico que vem se constituindo há alguns anos. Ao passar por centenas de imagens deterioradas com rasgos, manchas e fungos, passou a criar uma outra visualidade para a imagem, imaginando e desvendando a carga histórica que cada uma delas carregou por tanto tempo, até chegar em suas mãos. As marcas da ação do tempo ganham outros significados, agora não mais apenas um objeto de lembrança ou um acervo. Um potencial oculto nas deteriorações e nestes anônimos retratos, merecem um lugar de destaque. Nasce, assim, a identidade de cada uma das fotografias, e por decorrência, uma poética. Inicia-se, então, um diálogo sobre o tempo das imagens e dos lugares onde elas são deixadas e esquecidas. Nesse fazer poético, o projeto foi para além da produção de fotografias e o resgate desta estética deteriorada. Cassia passa a trabalhar com produção de textos e criar memórias, que podem ser fictícias ou não, fazendo a junção das imagens com as narrções, criando um audiovisual.

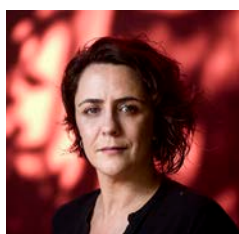


CÁSSIA XAVIER
Artista deficiente.
Desenvolve projetos
nas artes visuais
em diferentes
linguagens.
Em seu trabalho,
articula técnicas de
fotografia analógica,
com recursos da
literatura e vídeo.

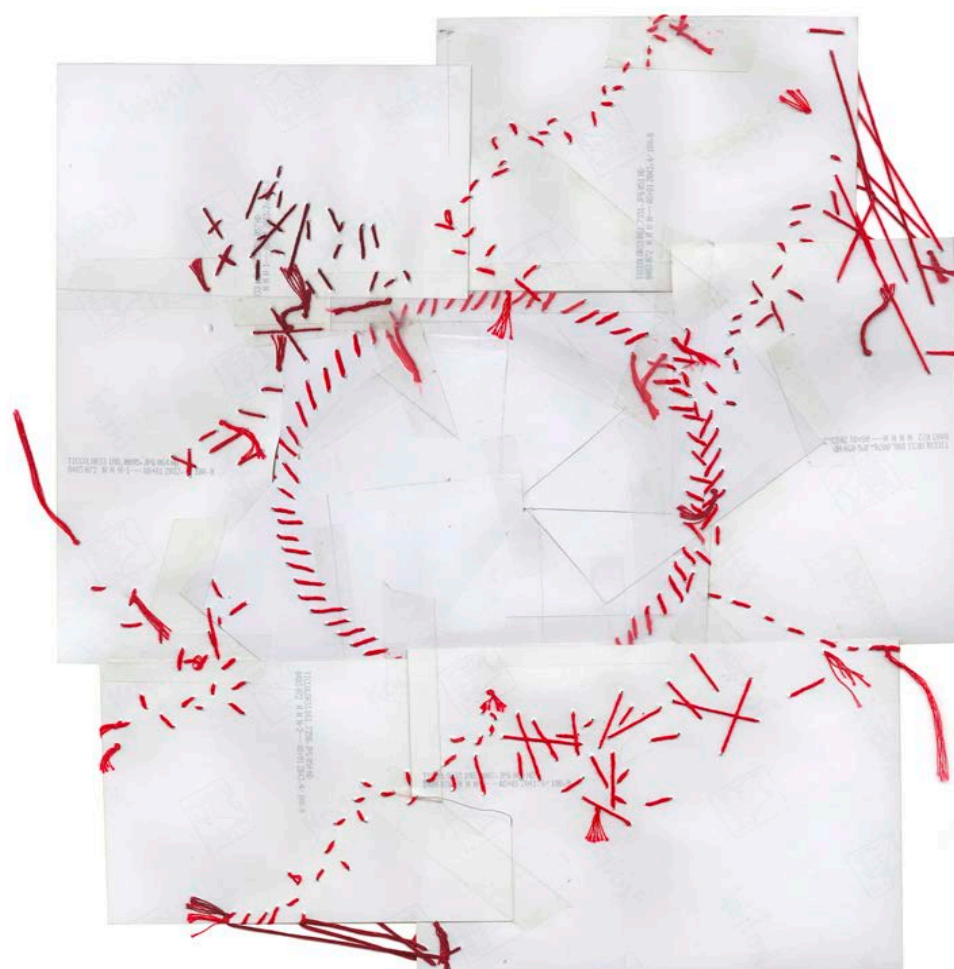


Guadalupe Fernandez Presas CONSTELAÇÕES

Série integrante do Projeto “Irradiações de Corpo Ausente”, que vem sendo desenvolvido desde 2019. Composta por quatorze colagens manuais feitas com originais de imagens de tomografias computadorizadas de coluna vertebral, além de originais de fotografias impressas de arquivo pessoal da artista, finalizadas com costuras feitas com fio de algodão.



GUADALUPE FERNANDEZ PRESAS
É fotógrafa e artista visual.
Dedica-se a estudos, pesquisas e produção na área da fotografia e imagem. Sua pesquisa artística desenvolve-se na reelaboração manual e performática das imagens e de seus sentidos.



Continua
na P. 48



Luciana Faustine ÁLBUM DE FAMÍLIA

Álbum de família é um projeto que começou a ganhar forma no início do 2º semestre de 2023, no entanto, as fotografias que o compõe começaram a ser desenvolvidas há alguns anos, em momentos diferentes da vida, na tentativa de responder, ainda que inconscientemente, a um vazio sem explicação.

O projeto se propõe a pautar a falta de imagens em famílias de origem negra, assim como o apagamento de toda uma

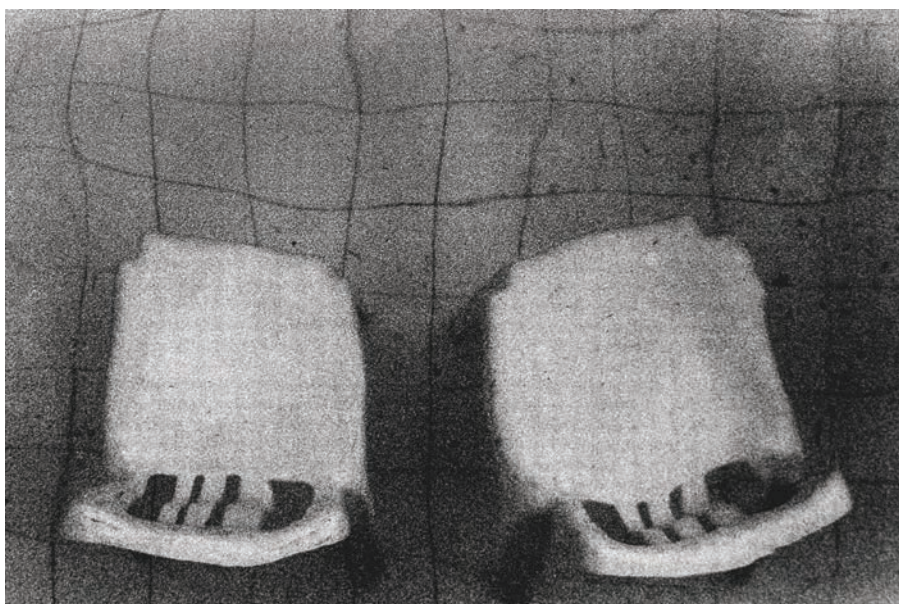
história, de ancestralidade. Um apagamento que resulta na falta de memória, da memória dos que vieram antes, dos que passaram por aqui, presentes, talvez, nos vestígios deixados no tempo.

O ensaio, ainda em andamento, sendo construído em um tempo diferente do tempo do relógio. As sensações aqui marcam o tempo, conforme as respostas para perguntas ainda não feitas vão chegando.



**LUCIANA
FAUSTINE**

É jornalista e estudante de fotografia. Dedicou-se a produzir imagens que conversem, sobretudo, com o tema da memória.

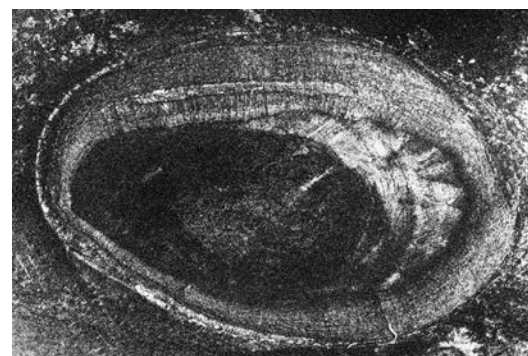


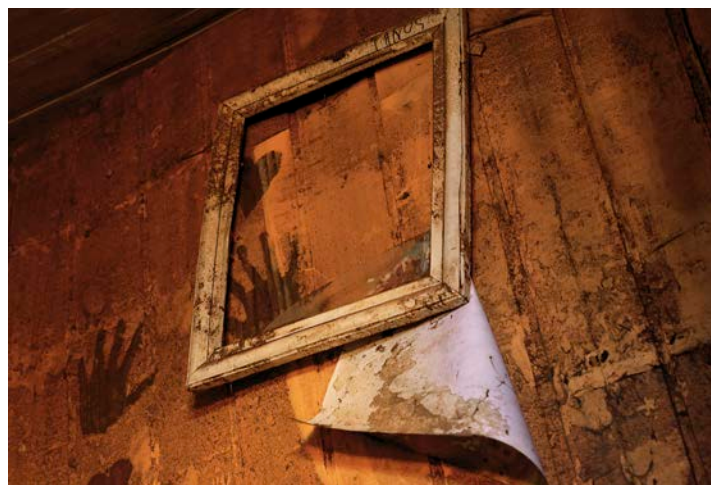
Mari Jacinto VÍNCULO

“Vínculo” é um ensaio que trata de relações afetivas entre casais ou potenciais casais. A expectativa de conhecer uma nova pessoa, o rompimento, o êxtase, a toxicidade, a liberdade, as feridas e os recomeços. A narrativa é composta por imagens em preto e branco em tons escuros, que caminham por pontos de luz brilhantes, sobreposições e fotografias não descritivas, criando uma atmosfera de mistério e alegoria.

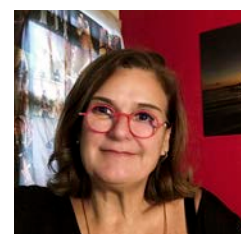


MARI JACINTO
Graduou-se em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo e trabalha comercialmente com fotografia desde 2017. Em 2022, lançou a sua primeira publicação, o fotozine “Entranhas”.





Mirian Fichtner TRAGÉDIA ANUNCIADA Imagens do apocalipse no Rio Grande do Sul, 2024

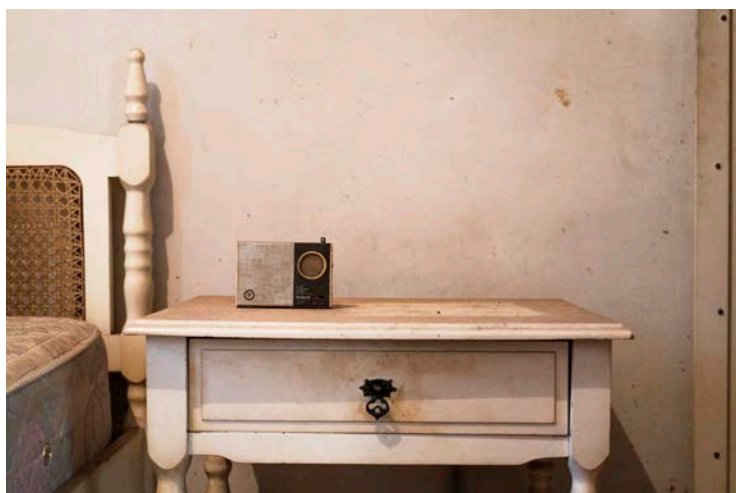


A obra é composta por uma série de imagens que documenta a devastadora tragédia que assolou o Rio Grande do Sul em maio de 2024. A série nasceu da indignação da artista frente à inação de gestores e políticos negacionistas que ignoraram

repetidos alertas sobre a crise climática na região.

As imagens, tragicamente belas, vão além de simples registros históricos. Elas evocam um apelo para que esta catástrofe não seja esquecida.

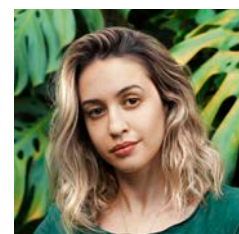
MIRIAN FICHTNER
É fotógrafa, diretora de fotografia e documentarista. Formada em jornalismo PUC-RS, trabalhou nos principais jornais e revistas do Brasil.



Tassiana Rouai O QUE DEIXAMOS PARA TRÁS

Três anos após a morte de seu avô, a fotógrafa voltou ao seu apartamento e encontrou seus pertences exatamente como ele os deixou. Os objetos que acumulamos durante a vida muitas vezes carregam significado pessoal, mas, para os outros, podem ser apenas coisas.

Quando partimos, nossos pertences ficam como testemunhas silenciosas da nossa passagem na Terra, revelando traços da nossa personalidade e detalhes da nossa rotina. Simples objetos que se transformam em fragmentos de memórias e agem como pequenas cápsulas do tempo.



TASSIANA ROUAI
Formada em Audiovisual pelo Senac, com pós-graduação em Fotografia na em Milão, Itália. Atua na fotografia de eventos, paralelamente, desenvolve projetos autorais, em busca de contar histórias através de suas lentes.

Continua
na P. 52



Ulla Von Czekus A DÚVIDA



A artista vasculha os álbuns de sua família. De lá, e dentre tantas lembranças e pessoas que se acendem, sua avó Anália se fez reluzir mais intensamente. Mulher, negra e nordestina, nasceu em 1906 no município de João Amaro, Chapada Diamantina, Bahia. Era filha de Augusta e Leonardo, e irmã de Leonarda, Marieta e Celina, suas tias-avós, com as quais teve uma relação de convívio e afeto.

Sua avó se casou com um homem branco, vindo da Europa para tentar a vida no Brasil. Ele se chamava Guilherme e vinha de um país cujos fonemas eram-lhe estranhos, Tchecoslováquia. Anália seguiu fielmente os protocolos de sua época e dedicou sua vida, seu corpo e seus pensamentos ao marido. Anália era Amélia, o estereótipo da mulher submissa, resignada.

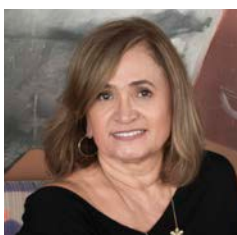
Hoje, olhando para essa história através das fotografias, Ulla tenta descobrir o que (não) sabe sobre ela. Resgata as duas únicas lembranças que tem dela: as comidas deliciosas que fazia, talvez sua forma de demonstrar afeto pelos seus, e sua agilidade com o crochê. Tateia as imagens como se buscasse pelo seu corpo. Queria tocá-la. Perguntar a ela sobre sua vida, se os caminhos percorridos foram escolhas, se a vida foi feita dos retalhos ou dos tecidos inteiros dos seus desejos. Busca por ela para dizer que quer saber mais; conhecê-la melhor para além da imagem entregue pelos demais familiares e daquela impaciência e zango com a energia das crianças ao seu redor. Apesar disso, há o desejo de fabricar seu colo, construir o afeto que faltou.

ULLA VON CZEKUS
Explora, em seus trabalhos, uma conversação entre a característica indelével do tempo e a impermanência da vida humana. Hoje, grande parte do seu fazer artístico se debruça sobre revisar álbuns de fotografias, objetos pessoais e inúmeras cartas que pertenceram aos seus pais e aos seus avós.

Vanía Viana PÕE-ME COMO UM SELO

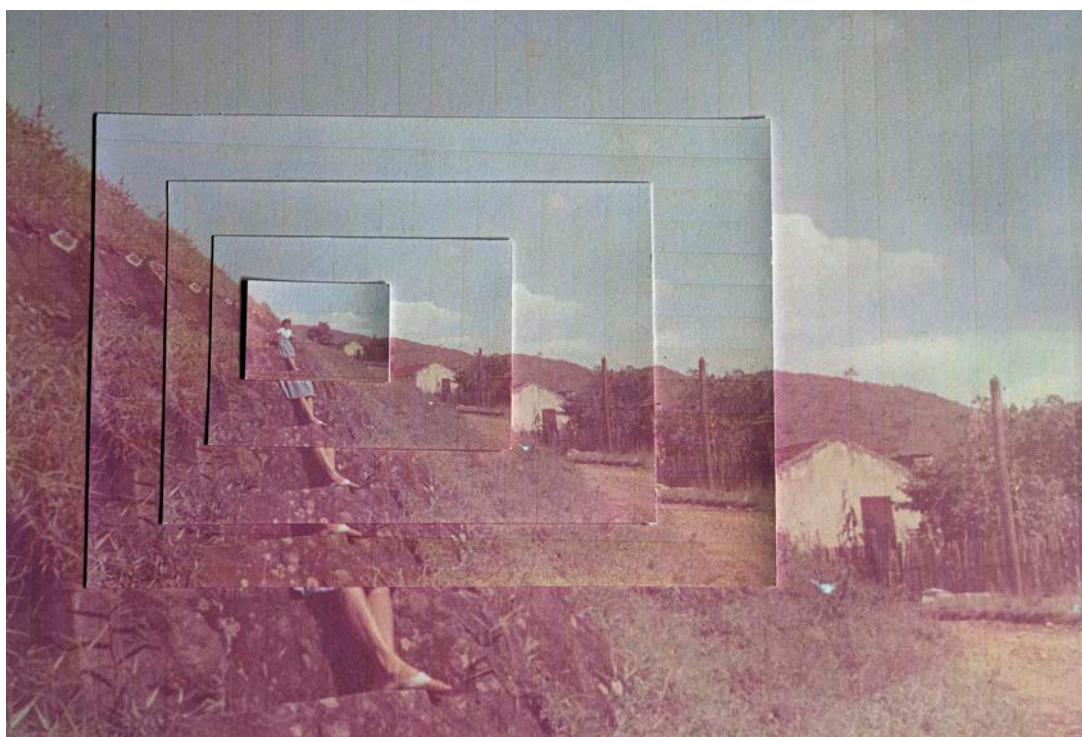
O trabalho “Põe-me como um selo” faz parte do projeto “Ainda Paisagem”, que teve início durante a pandemia de Covid-19, quando o medo da morte levou a fotógrafa a mergulhar em seus arquivos pessoais em busca de reafirmar sua existência. A idade avançada de sua mãe, com a conseqüente proximidade de sua morte, a levou à ação de desarquivar álbuns de família, utilizando colagem analógica, intervenções destrutivas e bordado em fotografia, lidando com os conflitos que a afligem em uma relação complexa entre mãe e filha.

O projeto, que está em andamento, teve início em 2020, em Salvador, Bahia.



VANIA VIANA

Seu trabalho lida com memórias, família e a inexorável passagem do tempo, e por ser uma pessoa conectada com o lado invisível da vida, se interessa por registrar práticas religiosas, o movimento das pessoas e sua fé.





7 Filme “Eu sabia”, de Claudia Tavares

MOSTRA DE FOTOFILMES

Fotofilmes têm cara de cinema e corpo de fotografia. Constituem uma linguagem própria, pouco explorada e difundida. Uma linguagem de mescla e soma, um território amalgamado e potencialmente criativo

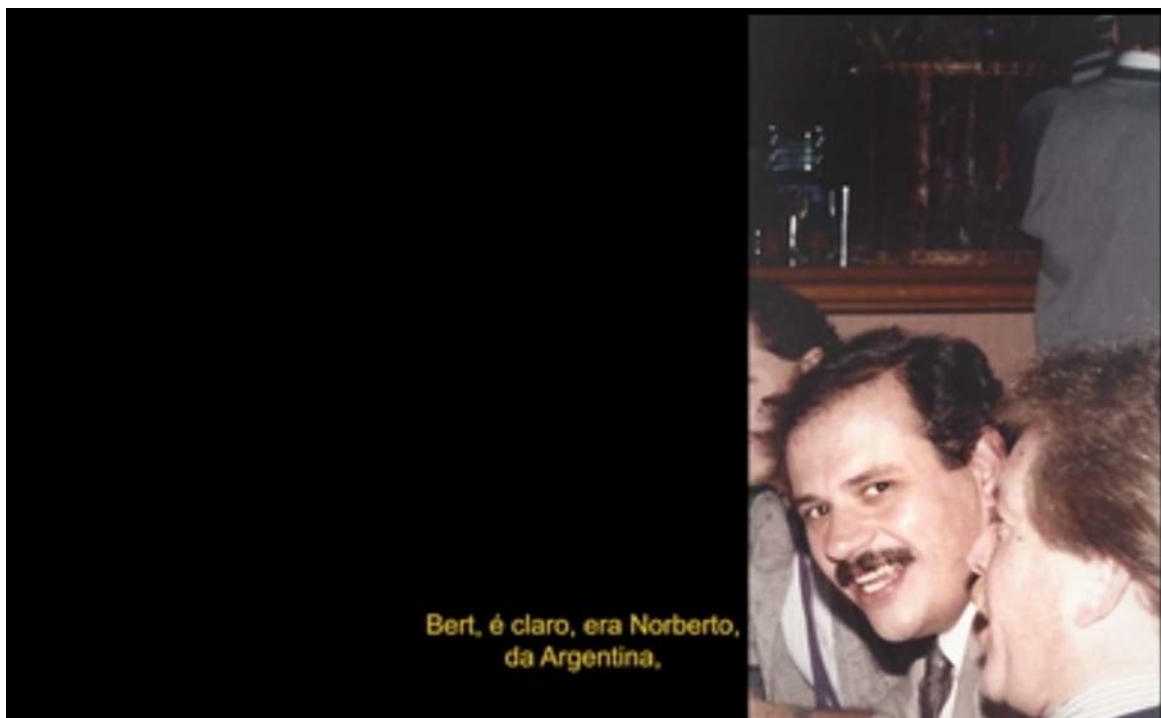
Sessão especial para o festival

1. Despedida remota, Solange Quiroga, 3'
2. Escala HUmana, Marina Feldhues, 5'
3. Hotel Savoy, Bella Tozini, 10'
4. La mer, Luoise Belmonte, 5'30"
5. Naquela foto há uma carta de amor, Laura Papa, 6'
6. Polvorosas, Malu Teodoro e Thaneressa Lima, 3'
7. Eu sabia, Claudia Tavares, 5'
8. Olhar de novo, Juliana Chagas Gouvêa, 2'30"
9. Do parto à partida, Sônia Góes, 1'
10. Travessia, Safira Moreira, 5'



CLAUDIA TAVARES

É Doutora em Processos Artísticos Contemporâneos pelo Instituto de Artes da UERJ e Mestre em Linguagens Visuais pela EBA/UFRJ. Iniciou sua produção de arte em 2001 e passou a participar de salões e exposições, no Brasil e exterior. Seu trabalho apoia-se, principalmente, nas linguagens da fotografia e do vídeo. Exposições individuais: “Light Boxes”, 2001, na 291 Gallery, Londres; “entre nuvem e vento”, 2007, na Galeria do Ateliê, Rio de Janeiro; “Nós”, 2011, no Espaço Sérgio Porto, entre outras. Ganhou o 3º prêmio na 9ª Bienal Nacional de Santos, 2004, o Edital de Ocupação FCS, 2018, e foi selecionada para o programa de residência artística Labverde, 2018. Ganhou o 1º lugar na categoria Outras Visões, no Prêmio Chico Albuquerque de Fotografia, 2019, e o Júri Popular no Festival de Cinema Cine.Ema, 2020, com o trabalho “Um Jardim em Floresta”.



Bert, é claro, era Norberto,
da Argentina,

5 Filme “Naquela foto havia uma carta de amor”, de Laura Papa



4 Filme La Mer, de Louise Belmonte

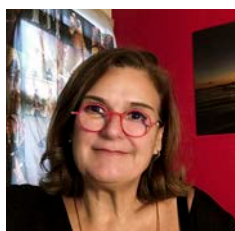


Cenas da enchente que devastou o estado do Rio Grande do Sul em abril e maio de 2024

A obra de Mirian Fichtner é uma série de imagens que documenta a devastadora tragédia que assolou o Rio Grande do Sul em maio de 2024.

Intitulada “Tragédia Anunciada - imagens do apocalipse no Rio Grande do Sul - 2024”, a série nasceu da indignação da artista frente à inação de gestores e políticos negacionistas que ignoraram repetidos alertas sobre a crise climática na região.

As imagens, tragicamente belas, vão além de simples registros históricos. Elas evocam um apelo para que esta catástrofe não seja esquecida.



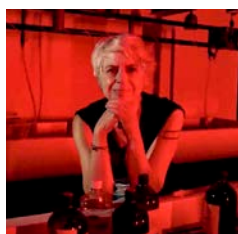
MIRIAN FICHTNER
É fotógrafa, diretora de fotografia e documentarista. Formada em jornalismo PUC-RS, trabalhou nos principais jornais e revistas do Brasil.



O projeto “Ausência” foi pensado como uma forma de trabalhar a memória afetiva e recente de Therezinha, mãe da artista, que foi diagnosticada com Alzheimer há mais de 10 anos.

Dedicando a ela parte do que aprendeu em seu trabalho, Rosângela buscou construir caminhos através dos quais conseguissem lidar com a doença de forma lúdica e construtiva. Partindo da ideia de que a memória depende do registro, convidou sua mãe para fotografar e, com isso, a incentivou a prestar uma nova atenção ao seu redor. Com a ajuda da fotografia e do laboratório, procurou inspirá-la e ajudá-la a exercer sua capacidade de identificação das pessoas, lugares, acontecimentos e de si mesma.

Assim, revelando e fixando essas imagens, literal e metaforicamente, encontraram em suas próprias memórias respostas para tantas perguntas, e construíram juntas um processo educativo que se renova todos os dias.



ROSÂNGELA ANDRADE

Iniciou sua carreira em 1985, como fotógrafa. Trabalhou como laboratorista com o fotógrafo Zé de Boni, na Álbum Laboratório. Em 1982, abriu seu próprio espaço, o Imágicas Laboratório Fotográfico. Em 32 anos de atividade, realizou ampliações para exposições e livros de nomes da fotografia brasileira, tais como: Cristiano Mascaro, Claudia Andujar, Thomas Farkas, Maureen Bisilliat, Ed Viggiani, German Lorca, entre outros. É fundadora do Clube do Analógico e oferece oficinas de Orientação de Laboratório Fotográfico e Ensaio Fotográfico no SESC Pompeia. Desde 2019 é voluntária na ONG Feito Formiguinhas, onde desenvolve o projeto Pirlimpinata, oficina de pinhole para crianças e adultos.



Cenas de “Ausência” que foi dirigido por Marco del Fiol

**IULIANA DEBÉRTOLIS**

Editora do Everyday Brasil, projeto integrante do Everyday Projects, organização global de fotografia que tem como objetivo oferecer uma visão abrangente da sociedade por meio da fotografia documental e jornalística produzida por fotógrafos e fotógrafas na atualidade.

artigo

A fotografia para além de nós

Pensar a fotografia como documento é respeitar os acontecimentos, a história e os indivíduos, dando suporte àquilo que deve perdurar, sobreviver

Desde sempre, passado e presente foram temas de interesse para a humanidade. O ato de guardar, recordar, especular, registrar em imagens o que não seria suficiente apenas no pensamento ou em lembranças, pois essas, muitas vezes, não dão conta de um recado que precisa alcançar mais longe, provocar reflexão, conhecimento e, com sorte, transformações. Nesse contexto, cada história contada em fotografias compõe um universo próprio. Assim como é muito particular a forma como essas imagens irão penetrar, impactar e permanecer em cada espectador atento. Pensar a fotografia como documento é respeitar os acontecimentos, a história e os indivíduos, dando suporte àquilo que deve perdurar, sobreviver.

A fotografia documental cria possibilidades de compreendermos e questionarmos mais amplamente o ser humano e mundo à nossa volta; a sociedade na qual estamos inseridos; as sociedades que desconhecemos; a cultura que nos permeia e a que nos é alheia. Pelo viés da fotografia, temos a chance de nos tornar mais solidários e empáticos e, dessa forma, sermos capazes de habitar o mundo e conviver com o outro de maneira mais íntegra e consciente. Por meio do trabalho persistente de fotógrafos e fotógrafas pelo mundo todo, nos são apresentadas histórias que nos salvam de uma ignorância maior do que aquela a que já estamos condenados, histórias que, não fosse isso, arriscadamente nos escaparíamos.

De que forma tentar explicar as infinitas camadas

de uma nação sem imagens? Como falar dos acontecimentos sem passar pelas imagens? Como abordar, de forma efetiva, os diversos modos de vida, pessoas, lugares, urgências e situações mundo afora senão por imagens? Como perpetuar, senão por imagens? Acredito que não seja possível.

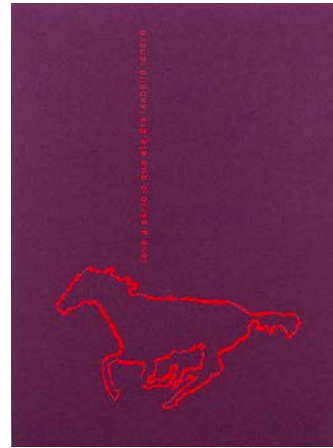
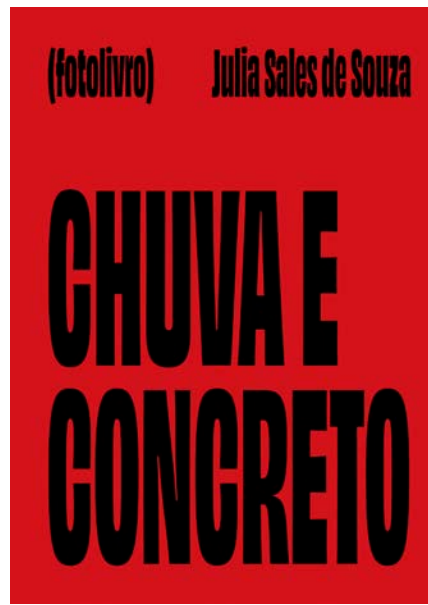
A vida consiste em um amplo espectro de episódios, fatos e experiências, assim, ao fotografarmos as questões do nosso tempo, reafirmamos e prolongamos a existência em sua abrangência.

Particularmente, do ponto de vista da minha atuação à frente do projeto Everyday Brasil, acredito e confio no fortalecimento das histórias locais e na deslocação do poder para longe das narrativas hegemônicas, dominadas por uma abordagem ocidental, de cima para baixo. Ao documentarmos o que nos rodeia, espelhamos o mundo. Portanto, penso na fotografia documental como ferramenta de informação inclusiva, que, para além dos acontecimentos de relevância global e coletiva, reconhece também a imensidão das pequenas histórias, garantindo, assim, uma profusão de realidades e pertencimentos e, sobretudo, admitindo a necessidade de múltiplas perspectivas ao retratar a cultura e a sociedade que nos constitui.

A fotografia, como documento, é uma espada apontada para frente, é um caminho de ida, um pensamento sem volta. É memória, é o agora, é o futuro que reverbera para além de nós.

CHUVA E CONCRETO
 Júlia Sales de Souza

Registro sobre o cotidiano apático da pandemia nas ruas da periferia de São Paulo, com ar melancólico, num dia de chuva. As páginas brancas contrastam com as vermelhas, que mostram o gradual retorno.



LEVE A SÉRIO O QUE ELA DIZ
 Isabella Lanaue

O livro acolhe fragmentos visuais e textuais de experiências, possivelmente, entre as mais sensíveis e, certamente, entre as mais sérias de quem as viveu, em cumplicidade pelos fotografados e a artista.

DIORAMA
 Paula Pedrosa

Paisagem, cena, realidade, ilusão. Cores, escuridão, espreitar e observar. A série mescla cenários naturais e artificiais de maneira tão intrínseca que geram novas e pseudo paisagens. Olhavê {Projeto}.



LA VIE EN ROUGE
 Sandra Gonçalves

O projeto trata de mulheres e do seu estar no mundo, onde filtros de todas as ordens impedem uma visão clara. Deste modo, medos irracionais afloram, barreiras e muros crescem por todos as partes.



CANÇÃO À POEIRA
 Luana Lorena

Projeto sobre o tempo das memórias na fotografia. Imagens de álbuns de 11 famílias dialogam entre possíveis histórias a partir de conjuntos, numa trama afetiva que se pronuncia (ou silencia).

FOTOLIVRO NARRATIVAS COMO LINGUAGEM

A convocatória de fotolivros do Festival Mulheres Luz traz a possibilidade de vislumbrar um recorte dos últimos dez anos de produção de mulheres no campo da fotografia brasileira, abrangendo uma diversidade de temas e perspectivas sobre a linguagem. Trazendo, também, trabalhos mais recentes, que contribuem para a investigação de formatos, métodos e técnicas utilizados na feitura do suporte, há uma importante contribuição para a discussão sobre publicações.

Diante das ausências sentidas, torcemos para que, ao longo dos anos, o festival possa receber uma pluralidade cada vez maior de inscrições, em termos de territorialidade, raça, classe e gênero, fortalecendo ainda mais sua importância política no cenário artístico nacional.

DANIELE QUEIROZ E MAÍRA GAMARRA



DANIELE QUEIROZ
 Curadora de fotografia contemporânea no Instituto Moreira Salles e fundadora do projeto “A história é outra”, plataforma de estudos e práticas artísticas no campo da fotografia. Foi co-curadora das exposições “Entre nós: Dez anos de Bolsa ZUM/IMS”, “Constelações latinas: encontros em fotolivros”, entre outros.



MAÍRA GAMARRA
 Curadora, editora, gestora cultural e pesquisadora de fotografia. Criadora do Mira Latina, laboratório dedicado à fotografia latino-americana. Atua de forma independente na curadoria de eventos e exposições, ministrando workshops e palestras no Brasil e na América Latina.

MULHERES E MOVIMENTOS

Fotografias de Claudía Ferreira e textos de Claudía Bonan

Documento visual que registra a participação dos movimentos feministas brasileiros e latino-americanos em processos políticos e sociais, entre os anos de 1989 e 2002.



TRÊS MOMENTOS DE UM RIO

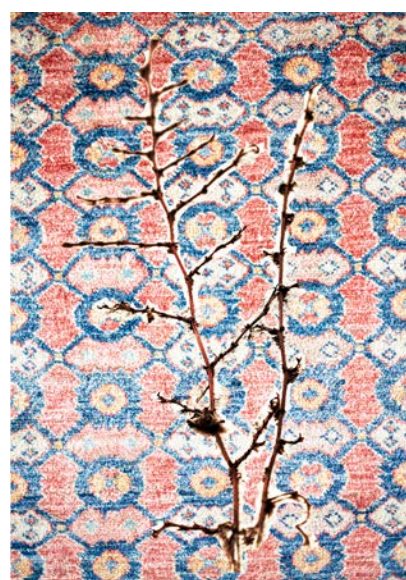
Duo Paisagens Múveis | Bárbara Lissa e Maria Uaz

Fabulação poética dos rios da cidade de Belo Horizonte, numa profusão de tempos que olham seu passado, presente e futuros possíveis. Um rio transborda o asfalto, atravessa tempos, transporta a cidade, ele insiste.

SÚBITA LUZ DA NOITE

Isabela Arantes

Manifesto poético. Uma ode ao universo feminino ao adentrar na fazenda onde moram sua mãe, tias e avó. Quatro mulheres cuidam de terras ancestrais, banhando-se nas águas do Rio São Francisco.



TEMPO DE ROMÃ

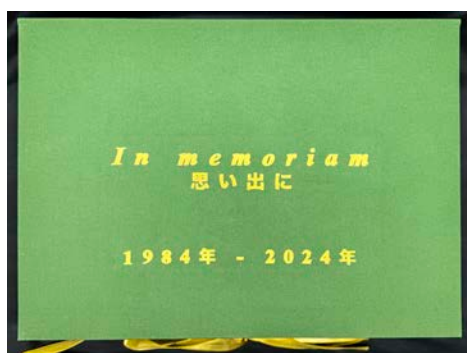
Renata Saad

A artista fala sobre seu vínculo afetivo com o Líbano, terra de seu pai, com imagens realizadas por três gerações. A romã, símbolo da fecundidade, dos ciclos de vida e morte, ressignifica essas raízes.

IN MEMORIAM

Florencia Ueres

Inspirada em fotografias de arquivo tiradas pelo seu pai, no Japão, em 1984, e reinterpretadas quando a artista retorna aos mesmos cenários para investigar sua história familiar. A ausência reflete seu luto.



DEPRESSÃO. REPRESSÃO. POSSESSÃO.

Jennifer Cabral

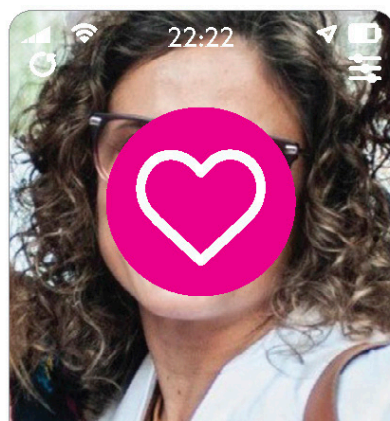
Mecanismos de proteção e resiliência que mulheres da família da autora utilizaram para sua sobrevivência ao lidarem com desequilíbrios físicos e transtornos mentais que, gradativamente, afetaram seus corpos.



O JARDIM SECRETO DOS SONHOS PERDIDOS

Cecília Urioste

Reflexão sobre o processo de envelhecimento e a passagem do tempo com narrativa que alterna entre fotos e textos. Uma observação a partir da vivência entre mãe e filha. Histórias pessoais comuns ao coletivo.



Patricia, 48



DO AMOR

Patrícia Goúvea

Artista frequentou aplicativos de relacionamento, formando uma coleção afetiva e abismada. Uma pesquisa de não-imagens, anti-retratos, esperança, amores à jato, sofreguidão e ódio, uma imersão. {Lp} press.

**QUE O MUNDO GIRE
 MICRO-CONTOS A PARTIR DE
 MEMÓRIAS DESCARTADAS**

Solanje Quiróga

Fotos vernaculares, de tempos e autores desconhecidos, que foram descartadas por seus donos originais. Imagens em sua maioria íntimas, banais e agora desvinculadas de suas histórias reais.



A CASA É O CORPO

Luciana Castro

O projeto apresenta a história de cinco mulheres, incluindo a avó da autora, que sobreviveram à violência doméstica, num movimento onde corpos, histórias e espaços se deslocam entre passado e presente.



IMPERMANÊNCIAS

Sylvie Moyn

É um livro e também um jogo, ambos sem roteiro, sem ordem, sem narrativa fixa: impermanente. Fala sobre memória e também sobre seu desaparecimento. Construído em dípticos, o desafio é reinventá-los.



AQUELES DIAS

Daniela Dób

Recorte poético sobre a insignificância dos acontecimentos cotidianos através de um olhar contemplativo e silencioso, por vezes melancólico. Luz e sombra aparecem como personagens, entre imagens em preto e branco.

**NOSSOS OLHOS ABERTOS
 COMO NUNCA ANTES**

Tuane Eggers

Memória reinventada de uma viagem de quatro meses por terra, vivida com amigos, desde o sul do Brasil até as montanhas andinas. Imagens produzidas em negativos 35mm, alguns contaminados por fungos.



UM MONTÃO DE FOTOS

Paula Usone

O projeto fala sobre o gesto de dar um celular na mão dos filhos quando os pais não dão mais conta de tudo. As fotografias captam ângulos inusitados e "erros", além de evidenciar uma passagem de tempo.



TRANSPARÊNCIAS DE LAR

Ilana Bar

Um olhar sobre o ritmo da vida num cotidiano real o qual é misturado com o imaginário, formando um mosaico de afetos. O ensaio provoca reflexão sobre semelhança e diferença. A autora documenta sua própria família.

QUEM SE INSCREVEU

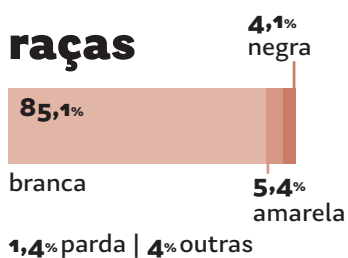
74

inscrições na convocatória de fotolivros

+ de 100 publicações

representação de todos os estados brasileiros e Distrito Federal, além de participações vindas dos Estados Unidos, Reino Unido e Uruguai

raças



gênero





Menino lê gibi em carrinho de supermercado, Rua França, SP, 1973 | Foto Stefania Bril | Acervo Instituto Moreira Salles | Arquivo Stefania Bril

AGENDA DESOBEDIÊNCIA PELO AFETO

MÔNICA MAIA
curadora

Reencontrar Stefania pelas suas imagens, muitas delas inéditas, me trouxe de volta a pessoa doce, generosa e divertida que conheci, na época, como crítica de fotografia.

A exposição está dividida em núcleos. Destaco as cenas cotidianas, a maioria feitas em São Paulo, onde as pessoas estão presentes em composições leves e bem humoradas, mesmo aquelas que trazem olhares críticos sobre a cidade. Imagens dos espaços públicos com problemas estruturais e desigualdades sociais, os trabalhadores retratados por Bril, outra série extensa, sejam em seus ofícios ou em momentos de descanso, existe cumplicidade de olhares e respeito entre personagens e a artista.

“Eu gosto de gente, não de carros”, escreveu a artista em 1975.

Stefania Bril nasceu em 1922, em Gdansk, na atual Polônia, e viveu a infância e adolescência em Varsóvia. Ao lado de seus pais, sobreviveu ao Holocausto, adotando uma identidade falsa e contando com a ajuda de organizações da resistência. Ao término da guerra, já casada, mudou-se para a Bélgica, onde se graduou em química. Em 1950, junto com o marido, migrou para o Brasil. Residindo em São Paulo, trabalhou com pesquisas nas áreas de bioquímica e química nuclear. Sua atuação na fotografia começou relativamente tarde, aos 47 anos.

Essa é a primeira exposição dedicada ao trabalho de Stefania nos últimos 30 anos. A mostra exhibe a produção da fotógrafa de origem polonesa, e aborda também sua atuação enquanto crítica e curadora.



Stefania Bril em autorretrato, c. 1971 | Acervo Instituto Moreira Salles | Arquivo Stefania Bril



Insisto em ter uma visão poética e levemente zombeteira de um mundo que às vezes se leva a sério demais

Stefania Bril (1922-1992)

EQUIPE

Direção Geral e Curadoria

Mônica Maia

Assistente de Direção

Ivana Debértolis

Produção Executiva

Revelar Brasil

Assistente de Produção

Livia Bitetti

Direção de Arte | ID Visual

Fernanda Masini e Clara Turazzi | Dabba

Editora de Arte | Projeto Gráfico Publicação

Thea Severino | Estúdio Thema

Impressão | Projeto Expositivo

Lucrécia Couso | espaço opHicina

Tratamento de Imagem

Carol Lopes

Revisão

Ivana Debértolis

Fotografia

Thays Bittar | Studio Bittar

Intérprete de Libras

Sinalibras Acessibilidade

Assessoria de Imprensa

Cris e Flavia Fusco Comunicação

Impressão

Cinelândia Gráfica

COMISSÃO AVALIADORA

Exposição Coletiva

Eliária Andrade e Mônica Zarattini

Mostra de Fotolivros

Daniele Queiroz e Maíra Gamarra

Apresentação de Projetos

Georgia Quintas e Simonetta Persichetti

ATIVIDADES

Palestrante

Simonetta Persichetti

Rodas de Conversas

Ana Carolina Fernandes

Luiza Sigulem

Maíra Erlich

Mônica Zarattini

OFICINAS

Clube do Fotolivro Andressa Cerqueira

Imagens Superviventes Estefania Gavina

Introdução ao bordado em fotografia P. da Silva

Pirlimpinlata Rosangela Andrade

Zine + Zine Coletivo Lombada

Tenda Face a Face

Marian Starosta

FILMES

Ausência Rosangela Andrade

Mostra Fotofilmes Claudia Tavares

Tragédia Anunciada Mirian Fichtner

Assistência atividades

Ana Beatriz Elorza

Maria Maia

Maria Pandeló

PROAC

SP

APOIO

Unibes
Cultural



DABBA

thema

Frida!



espaço opHicina

REALIZAÇÃO

mulheresluz



SÃO PAULO

GOVERNO DO ESTADO

SÃO PAULO SÃO TODOS

Secretaria da
Cultura, Economia
e Indústria Criativas



mulheresluz

Conexão entre temas, tempos e territórios

Um espaço de encontros e cooperações. A plataforma permite ao mercado localizar fotógrafas, artistas visuais, editoras, curadoras, professoras, jornalistas, diretoras, pesquisadoras, produtoras, assistentes, tratadoras de imagem, designers, entre outras atividades que contemplam a cadeia produtiva do fazer e pensar fotografia. A busca pode ser feita por região, estado, cidade e área de atuação. Acesse e faça parte!

MARY ZILDA
(1909-1998)
Única
fotojornalista
escalada para
cobrir a Copa do
Mundo de 1950,
no Maracanã,
Rio de Janeiro P. 8

STEFANIA BRIL
(1922-1992)
“Exposição
Desobediência
pelo afeto” são
imagens livres
para olhar e
sentir? P. 61

